

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

AMANDA CRISTINA AMORIM SILVA NEVES

RELIGIOSIDADE E SACRIFÍCIO: a Suovetaurilia e a identidade romana no I século a.c.

São Luís
2016

AMANDA CRISTINA AMORIM SILVA NEVES

RELIGIOSIDADE E SACRIFÍCIO: a Suovetaurilia e a identidade romana no I século a.c.

Trabalho apresentado ao curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª. Ana Livia Bonfim Vieira.

São Luís
2016

Neves, Amanda Cristina Amorim Silva.

Religiosidade e sacrifício: a Suovetaurilia e a identidade romana no I século a.c / Amanda Cristina Amorim Silva Neves. – São Luís, 2016..
65 f.; il.

Trabalho Monográfico (Curso de História)– Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, 2016.

Impresso por Computador (Fotocópia)
Orientador(a): Ana Livia Bonfim Vieira

1. Roma. 2. História. 3.Sociedade. 4. Suovetaurilia . I. Título.

CDU 931

AMANDA CRISTINA AMORIM SILVA NEVES

RELIGIOSIDADE E SACRIFÍCIO: a Suovetaurilia e a identidade romana no I século a.c.

Trabalho apresentado ao curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do grau de Licenciatura em História

Aprovada em / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ana Livia Bonfim Vieira (Orientadora)

Primeiro examinador

Segundo examinador

Dedico aos meus pais, a meu marido e amigos
que me acompanharam na trajetória da escrita
desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A minha entrada no curso de História se deu de forma interessante. Primeiramente iniciei minha vida acadêmica em curso superior de Enfermagem, curso esse que não me adaptei, apesar de gostar das leituras e incrivelmente e até ironicamente adorar a matéria de história de enfermagem vi no vestibular da UEMA uma oportunidade de tentar cursar algo que eu realmente gostasse. E foi então que correndo os olhos pelos cursos oferecidos me deparei com o curso de História e pensei no quanto gostava dessa matéria no colégio por conta dos professores e das temáticas abordadas. Então prestei o PAES no final de 2011, sendo aprovada para o segundo semestre de 2012.

Logo que li a grade do curso e comecei a ler alguns textos para me familiarizar vi que era aquilo que eu queria para mim. E no dia da matrícula, fui recebida pela professora Ana Livia, hoje, minha querida orientadora. Ah, meu interesse por antiga começou ali mesmo, vendo a professora conversar com um orientando...! Coisa de destino talvez! Mal sabia que o amor por antiga só iria crescer e perdurar até hoje e até sempre, com certeza! Namoro com outras áreas da história, mas meu amor mesmo é a antiga <3

Dito isso, quero agradecer primeiro a Deus porque apesar dos nossos desencontros e meus questionamentos, sem Ele nada disso seria possível, a gente se entende e é isso! Ele vem me ajudando nos tortuosos caminhos da graduação.

Agradecer aos meus amados pais, Silvia e Lúcio, que me apoiaram na empreitada da mudança de curso e me apoiam em tudo que eu me coloco para fazer. Obrigada meus queridos, não sou nada sem vocês, sem o apoio incondicional e eterno que vocês me dão.

Agradecer também ao meu marido, Valmir Neto, que na época do vestibular era namorado, que também me apoiou incondicionalmente na mudança do curso e no percurso inteiro até chegar aqui na conclusão.

Agradeço demais vocês, minha família por estarem ao meu lado sempre! Amo vocês mais do que tudo nesse mundo! Estendo esses agradecimentos aos meus familiares, em especial ao meu querido tio Ernildo que me levou quase o curso inteiro.

Agradeço imensamente a minha orientadora, Professora Ana Livia Bomfim Vieira, obrigada por ser exatamente assim. Uma pessoa que inspira, que nos aceita e nos escuta e principalmente nos deixa livres para escrever, para pesquisarmos coisas malucas iguais a essa que eu escolhi! Hahaha. Só a senhora mesmo professora! Muito obrigada!

Quando crescer quero ser igual a senhora! Lhe admiro muito! Que nossa caminhada ainda seja longa entre mestrados e afins!

Agradeço ao professor Fabrício Moura, do campus da UEMA de Imperatriz pelo aconselhamento de sempre, dando um caminho no começo do meu despertar pela história antiga de Roma, orientando e dando dicas para leitura ao longo de toda pesquisa e sempre que foi solicitado, muito obrigada!

Continuo os meus agradecimentos aos meus companheiros de curso, que se tornaram companheiros da vida, primeira a Helenice da Hora! A mala da minha vida, pense numa amizade cheia de acontecimentos, mas também forte o suficiente para suportar e se manter firme. Obrigada por tudo.

Agradeço ainda ao meu amigo, meu co-orientador (não dava para esquecer essa), Talysson Bastos, você que me ajuda tanto mesmo não estando em um tema comum ao meu, obrigada por todos os conselhos, conversas, desabafos, enfim, obrigada pela amizade de sempre! Sem vocês dois essa graduação não seria a mesma! Obrigada ainda aos amigos do grupo de estudo Mynemosine e sua ramificação mais linda, o Grupo de Estudos de Antiga. Vocês são demais!

Ainda na graduação, obrigada pelo convívio diário de um grupo que se formou nos últimos períodos, mas que parece que foi da graduação inteira e tenho certeza que levarei para a vida, meu querido “Nata História”. Obrigada Jefferson Maciel, Francisco Lima, Thiago Moura, Jadielson Ribeiro, Angela Batista, Jaciara Neves, Adriana Oliveira. Não tem como esquecer nossas conversas! Vocês deram leveza à dura função de se levar um curso de graduação! Jefferson, aliás, Jeff! Com seu pragmatismo e sinceridade de sempre, obrigada por incontáveis momentos divertidos e engraçados ao seu lado, você foi uma grata surpresa. Francisco, meu querido amigo, outra surpresa! Depois de um seminário de Yuri e mais alguma cadeira juntos quem diria que teríamos tanto em comum várias séries e filmes nesse caminho, hahaha. Obrigada meu amigo, por sua amizade. Thiago ou Thiaguinho apenas e pensar que te achava uma mala no início do curso, mas que cara legal você se tornou, sou muito feliz por ter você como amigo, alguém em que posso confiar e alguém de quem me orgulham muito. Obrigada! Jadielson, o homem dos imprevistos! Hahaha. A nata história não seria a mesma sem suas histórias no mínimo loucas. Você é um louco, mas é um cara esforçado, um amigo com que se pode contar e alguém muito bom de se ter por perto! Obrigada! Angela ou Anjinha, hehehe. Com tantas diferenças e semelhanças que temos só poderia nascer algo bom, você é muito especial, alguém em quem confio e que tenho certeza que posso contar. Obrigada pela amizade de sempre! Jade, minha mala preferida, aquela que

ouve minhas loucuras, que puxa minha orelha quando necessário e tem conversas maravilhosas, como eu te adoro chata! Obrigada por todos momentos especiais! Dri, minha querida, obrigada pelos inúmeros momentos de conversa e desabafos da vida, da vida acadêmica, enfim, obrigada por me fazer ser parte de sua vida!

Queria ainda registrar meus agradecimentos aos meus amigos da vida, irmãos de alma que indiretamente sempre contribuem de alguma forma para o êxito desse trabalho, nem que seja ouvindo as lamúrias dessa que vos fala. Meu querido irmão e amigo de longa data Rodolfo Soares e minha cunhada e amiga tão especial e importante Maysa Oliveira. Meu irmão Vicente Xavier, te amo muito! E minha mana querida Susanne Caldas!

Finalmente agradeço a Wanda França por entender cada momento que precisei me ausentar pra reuniões de monografia, por me dar conselhos e por ser uma pessoa tão amiga. E ainda a Joseane Souza, pelo apoio, pelas inúmeras dúvidas tiradas e pela normalização deste trabalho.

“A civilização grega é tradicionalmente considerada o arquétipo da antiguidade mediterrânea; assim, a civilização romana se torna derivativa.”

(PHILLIPS, 2007, p. 11)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo desmitificar conceitos há muito calcificados na historiografia a despeito das práticas religiosas romanas e sua importância nessa sociedade bem como a importância que os ritos tinham no cotidiano do povo romano e, por conseguinte seus povos conquistados que geralmente também era adepto do politeísmo que em Roma se mostra bastante peculiar, principalmente no século I a.c., temporalidade em que este trabalho está fixado. Com isso abordar o contexto religioso dessa sociedade buscando sempre mostrar que esta não se dissociava da política e cultura, mas era sim um elemento sempre ligado a estas assim como em todo mundo antigo, onde um aspecto não se dissocia do outro. Sempre nos remetendo ao aporte teórico de Durkheim (1996) para entendermos o papel da religião nessa atmosfera. Usaremos o ritual de Suovetaurilia em específico para demonstrar tais afirmações e análises de imagens que contribuem muito com essa discussão.

Palavras chave: religião, Roma. sociedade. Suovetaurilia

ABSTRACT

This paper aims to demystify concepts long calcified in historiography despite Roman religious practices and its importance in society and the significance that the rites had in the Roman people everyday and therefore their conquered peoples which was usually also adept polytheism that in Rome proves to be quite peculiar, especially in the first century BC, temporality in which this work is set . With this approach the religious context of this society always seeking to show that it is not dissociated from politics and culture, but was rather an element always connected to these as well as throughout the ancient world, where one aspect does not dissociate from each other. Always in reference to the theoretical framework of Durkheim to understand the role of religion in this atmosphere. We will use the Suovetaurilia ritual in specific to demonstrate such statements and analysis of images that contribute much to this discussion.

Keywords: religion, Rome . society. suovetaurilia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Figura 1 – Painel de Relevo em Mármore com representação do ritual de Suovetaurilia.....	44
Figura 2 -	Relevo em Mármore com Representação da Suovetaurilia (Em destaque o que acreditamos ser a personalidade mais importante dentro do ritual representado, por ser o maior e suas vestes serem diferenciadas.....	45
Figura 3 -	Em destaque a imagem do que acreditamos ser o sacerdote responsável pela leitura da prece e dos órgãos dos animais sacrificados por suas vestes, o objeto em sua mão que lembra um livro e seu olhar direcionado ao público.....	45
Figura 4 -	Coluna de Trajano.....	47
Figura 5 -	Representação da Suovetaurilia na Coluna de Trajano.....	48
Figura 6	Coluna de Trajano com Representação do Deus Netuno.....	49
Figura 7 -	Representação do deus Netuno.....	49
Figura 8 -	Exército romano invadindo a Dácia pelas margens do Danúbio que estão em uma das entradas da cidade.....	50
Figura 9 -	Representação da deusa Vitória na Coluna de Trajano.....	51
Figura 10 -	Representação da deusa Vitória com uma coroa de louros em sua mão direita.....	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	REPENSANDO ROMA: novas perspectivas sobre religião e sociedade.....	15
2.1	Um novo momento da historiografia sobre Roma.....	18
2.2	Peculiaridades da religiosidade romana.....	22
3	A RELIGIÃO ROMANA ATRAVÉS DOS RITUAIS.....	27
4	A Suovetaurilia: entendo o ritual.....	37
4.1	Cultura material e religião.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERENCIAS.....	55
	ANEXO A.....	59

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue, tem a finalidade de estudar e busca repensar a esfera romana e toda sua conjuntura religiosa, por conseguinte social, cultural e política, permeando sobre eles, um olhar, sobretudo, revisionista e plural na busca dessas práticas e como estas se davam em da monarquia à república Romana.

A construção do trabalho se permeou através da construção de uma revisão da historiografia romana, repensando principalmente o aspecto religioso do século I a.c. que fora construído ao longo do tempo e cristalizou a imagem de Roma como um território estritamente militar e religioso, deixando de lado as facetas religiosas que detinha imensa importância no aspecto cotidiano dos romanos e não romanos que habitavam a cidade.

A partir dessa construção apontamos como nosso objetivo é tornar claro como a religião romana é conectada aos campos priorizados ao longo, dessa forma se entendendo que há uma escolha em não descrever essa ligação para reforçar a imagem de Roma militarizada e politizada.

Nesse sentido, daremos início a esta pesquisa com uma reflexão sobre a escolha teórico-metodológica para compreendermos o quadro proposto e o que está mudando. E partindo desse ponto entraremos aprofundaremos nas questões religiosas e como estas influenciavam a sociedade aqui referida, para isso escolhendo um ritual específico, a Suovetaurilia.

No item 2, buscaremos pensar e refletir o momento cuja historiografia se encontra pensando, ou melhor, repensando questões que a muito foram cristalizadas a despeito de práticas religiosas e questões cotidianas que permearam e condicionaram o pensamento de décadas sobre o que se tem sobre religião romana e sobre o que se construiu sobre esta temática. Discutiremos até que ponto essa historiografia moderna tolheu uma imagem de Roma através de anacronismos e construções intencionais moldando uma determinada imagem do que seria a identidade de Roma.

No item 3 discutiremos o lugar dessa religiosidade no mundo antigo, mais especificamente em Roma, da república à monarquia, denotando o quanto essas práticas religiosas eram importantes nessa sociedade e como se davam as relações formadas a partir destas. Analisaremos a importância do ritual de sacrifício na religião romana, pensando neste como uma das principais formas de se relacionar com as divindades e ter seus pedidos e preces alcançadas. Sendo assim, buscaremos, sobretudo, desmitificar a tentativa de fazer

dessas práticas religiosas mais uma simples religião com regras e manuais, ou seja, pensando sempre as peculiaridades do panteão romano que é cheio de nuances únicas e diferentes em toda antiguidade, pois sabemos que a própria religiosidade romana é um mecanismo de expansão da qual Roma sempre lançou mão.

No item 4, buscaremos compreender, através das imagens e textos, o ritual da Suovetaurilia, que se mostra extremamente importante no território romano. Escolhemos esse por ser um ritual que nos possibilitará a análise das questões de ordem social, política e cultural às quais sempre estamos nos remetendo e tentando buscar quando falamos de religião romana. E a partir dele, iremos explicar as questões que nos propusemos a entender no trabalho, essas questões permeiam as perspectivas que levaram a religião romana a ser deixada um pouco de lado na história de Roma, a importância dessa religião na sociedade romana no que se refere aos rituais, em nosso trabalho abordaremos em especial um ritual e ainda usaremos de imagens para demonstrar nossas construções sociais. Imagens, como sabemos, são representações construídas por uma sociedade sobre ela mesma, e a interpretação dos signos visuais em uma sociedade que levou estas a um nível pedagógico, é de extrema relevância, pois trabalhando com elas iremos além em nossas análises. Paraphrasing John Berger, este diz que o olhar chega antes da palavra, portanto, nós humanos antes mesmo de falar, nos comunicamos através do olhar e por isso a percepção que estes tinham dessas imagens, aqui apresentadas, são tão importantes para a compreensão de alguns pontos discutidos no trabalho.

2 REPENSANDO ROMA: novas perspectivas sobre religião e sociedade

A religião romana geralmente é apresentada nas análises modernas como uma religião altamente ritualizada, com poucas concessões à expressão religiosa. (ROSA, 2006, p.137). Nas palavras da romanista Cláudia Beltrão Rosa se observa um pequeno demonstrativo do quadrante da historiografia que durante anos descreveu Roma e seu território como uma região sem ligações profundas com práticas religiosas. Corroborando e reafirmando noções que constroem a história de Roma ligada, basicamente, à questão militar e política e isso vai de encontro a um fenômeno que é e sempre foi inerente à cultura humana, a religião. Um vasto número de grupos humanos que estudamos e observamos tem a religião como mola propulsora, a religião promove vida, desenvolvimento e guerras. Nichos sociais foram formados baseadas em religiões que em grande parte da história da humanidade estão vinculados ao círculo político e social. A religião romana tem uma relação de total engajamento com as divindades e os cultos devem ter atenção e cuidado com a tradição. Existe participação da sociedade romana dos mais diversos setores sociais, tanto camponeses quanto magistrados dos setores públicos e privados.

O estudo das práticas religiosas no mundo romano constrói uma série de dificuldades para o historiador moderno. Um dos maiores impecilios é de não entender essa categoria fora da perspectiva do cristianismo primitivo, sendo a chamada religião romana ainda deveras desconhecida para historiadores e leigos pois, muito de sua imensa contribuição para o entendimento de alguns aspectos sociais e religiosos foi por muito tempo suprimido, e porque não dizer, deixado de lado pela historiografia que foi marcada por pré-conceitos, generalizações e grandes anacronismos. Pretendemos, então, nessa pesquisa, nos inserir em um momento da historiografia sobre Roma onde os historiadores buscam revisitar e, sobretudo, repensar questões que por muito estão massificadas dentro do nosso campo de estudos. Buscaremos, ainda, entender primeiro a história da religião na *Urbs*¹ e sua real conjuntura, buscando entender que a religião teve, sim, participação irrevogável dentro da formação do que entendemos hoje por uma identidade romana, ou seja, desenhar um cenário que nos faça compreender que a relação dos seres humanos desse território estava sim ligada ao mundo divino e tinha total importância para estes.

¹ Termo utilizado para definir a cidade propriamente dita, juntamente com seu território e habitante em questão. Com uso desse termo, o romano e os estudiosos se referiam a Roma. Se entende que a palavra *Urbs* resulta da palavra *orbis*, que significa mundo, globo, país, região. Para Isidoro de Sevilha a palavra resulta de *orbis* pois na antiguidade as cidades eram planejadas e formadas em círculos o que se refere a semântica da palavra que se refere primariamente a globo e mundo. (BRANDÃO, 1993).

Reforçando essa ideia, observamos como a “religião romana” está enraizada nos pontos que sustentam essa sociedade romana. O historiador moderno costuma cometer o erro de julgar os períodos antigos com um olhar acostumado com as configurações de sociedade moderna, no que se entende divisões entre os aspectos políticos, religiosos e familiares de um quadrante social. Sabemos que isso não é possível quando nos referimos ao mundo antigo que funciona com todos esses aspectos interligados e sem delimitações. Nesse mundo as questões de religiosidade possuem traço marcante e de profunda importância. Para Marrou (1980), historiador francês que escreve sobre o chamado “paganismo antigo”, no que ele chama de “primeira antiguidade” que é quando os sentimentos relacionados ao início de uma religião para o homem antigo começam a surgir, para desde o princípio essa manifestação de uma religião era uma religião do sagrado e as manifestações desse sagrado estão no cotidiano. Tudo ao redor daquele homem estava sacralizado por sua relação com essa religiosidade crescente. (MARROU, 1980). Com a religiosidade romana não era diferente, esta tem conexões fundamentais no que se refere à formação e construção das identidades da sociedade, sejam elas individuais ou coletivas e dão base para a formação de Roma.

Muitos tendem a associar este caráter com o sucesso dos romanos nos aspectos práticos da vida – a guerra, a arquitetura, o planejamento das cidades, etc. – e sugerem que organizaram sua vida religiosa com o mesmo tipo de eficiência estabelecendo barganhas rudes com os deuses. Há razões, porém para crermos que esta imagem não corresponde exatamente ao que foi a religião romana. (ROSA, 2006, p.137).

É de fundamental importância que se entenda a história desse território sem suprimir seu período pré-cristão. O que vemos são muitos equívocos e até análises que fazem de Roma uma certa propagandista das práticas cristãs sem contextualizar e entender seus cultos em sua particularidade, ou seja, é preciso deixar de ligar aspectos dessa “primeira” antiguidade de Roma a um possível berço cristão, onde já existiriam tendências monoteístas por exemplo, nos cultos destinados a uma divindade só. O que chamamos de religião romana se mostrava um conjunto de práticas que dava continuidade ao projeto de Roma de expansionismo e conquista, pois até mesmo nos aspectos religiosos, esta tinha como característica a anexação de deuses de cidades conquistadas e novos aspectos. Apesar da tradição que as práticas religiosas romanas carregavam, elas não tinham nem um tipo regimento ou lei a seguir, apenas no que se refere ao modo de fazer o ritual que, geralmente, tinha uma forma de ser feito e como deveria ser feito. A cultura romana que entrava em contato com os territórios conquistados acontecia em via de mão dupla. Deixando

características nos dois envolvidos. Ou seja, a religião romana está presente no que tange os elementos que dão suporte a construção do panorama social, então o que se deve ter é uma forma de olhar e pensar sem anacronismos, olhando para as práticas religiosas com o poder e lugar que eles tinham no próprio contexto.

Para isso, utilizaremos como fonte a obra do Tito Lívio (2008) por ele ser um historiador romano da temporalidade na qual eu me insiro e que de certa forma não é fácil de localizar pois, a questão do estudo das práticas religiosas romanas no período da República é bem mais elástica do que se parece e de difícil precisão.

Escolhemos Tito Lívio (2008) também porque sua obra traz muito sobre as práticas religiosas na sociedade romana. Considerando que o autor se mostra mais que um historiador e sim um escritor, é importante notar que dele tanto extraímos características dessa sociedade quanto a possível construção que os próprios romanos queriam que fossem passadas deles mesmos. Tito constrói uma perspectiva que dialoga com o fato de que a religião romana não é dissociada dos outros aspectos da sociedade e, sim, forma uma unidade com aspectos políticos e militares que é o que buscamos demonstrar nesse trabalho, além de outros objetivos que posteriormente serão apresentados.

Da violência das armas, voltaram-se todos para a consulta e cumprimento desses prodígios, tornando-se essa a principal ocupação. A dedicação constante ao culto dos deuses, pois a vontade divina parecia-lhes intervir nas coisas humanas, tinha imbuído os corações de todos com esse sentimento religioso, de modo que a confiança e o respeito aos juramentos passaram a governar a cidade em lugar do temor das leis e dos castigos. (TITO LÍVIO, 2008, p. 85).

Portanto, através de seus comentários podemos perceber o que Tito Lívio observa tanto dessa sociedade quanto do que ele acreditava ser o que Roma e os romanos estavam passando naquele momento. Lógico que o cuidado de se lidar com este tipo de documentação, que dá um toque de estória à história, é passível de idealizações, sim, mas com o aporte de outros historiadores e escritores do período analisaremos, de forma mais completa, o que se entender pelos complexos sistemas religiosos romanos e como estes eram formados.

Tito Livio (2008) observa que o cunho religioso romano se dá, principalmente e inicialmente, na realização dos rituais de maneira correta e, assim, Roma estaria mantendo um bom relacionamento com os deuses. Sendo assim, o pensamento e o foco central dessa religião seria a ortopráxis, o que Scheid (2003) explica que seria a correta realização dos

rituais que eram transcritos e tradicionalmente mantidos, de geração a geração, e estabelecidos em um calendário que tinha uma ordem estabelecida e extrema importância.

Há muitas críticas quanto ao uso do termo paganismo para fazer análises sobre o período pré-cristão romano, mas usaremos aqui em algumas vezes o termo já referido para melhor salientar as diferenças entre os períodos. Contudo, usaremos com maior frequência outros termos já ocasionalmente encontrados na historiografia como cultos tradicionais e politeísmos que, assim como o termo cristianismos, sugere essa variante das práticas religiosas de Roma.

2.1 Um novo momento da historiografia sobre Roma

A historiografia tradicional, sobretudo aquela do século XIX sobre Roma, deteve particularidades, principalmente, no sentido de construir uma imagem desta sociedade, ou seja, se constrói uma espécie de tradição sobre a história romana. Historiadores e escritores dessa Roma antiga construíram uma imagem de Roma a partir da observação do Império expansionista, dando um caráter único para o que seria a identidade romana, deixando de lado aspectos importantes, principalmente quando se refere ao meu objeto de estudo que são as práticas religiosas.

A historiografia atual busca demonstrar e descrever o que chamam de identidade, ou seja, algo que demonstrasse pontos de uma singularidade. Mas aqui criticamos isso, pois pensar uma identidade para um povo ou grupo social é caminhar em um terreno povoado de senso comum, já que essas sociedades não pensam em si mesmas como pensamos elas. Os estudos sobre o que seria essa identidade são muito instigantes e buscam pensar uma nova configuração, ou melhor, uma reestruturação desse passado romano e é nesse quadro que busco me inserir, pois acredito que a religião romana foi observada por partir de um pensamento extremamente racionalista, incentivado por essa historiografia moderna, que a coloca como um processo unicamente político, transformando em práticas religiosas duras e manipuladoras. A historiografia tradicional sobre Roma, sempre trata dos cultos como pano de fundo unicamente para a política, desligando-a de características religiosas, metafísicas, principalmente quando se toma como exemplo maior o Culto Imperial. Este rito é sempre trabalhado para demonstrar como a religião romana se afasta das concepções da religião propriamente dita e se aproxima dessa análise tradicional de que o uso era estritamente político e por vezes militar como vemos abaixo: “Os romanos foram os “durões do mundo antigo”: práticos, trabalhadores, belicosos. Conquistaram todo o mundo ocidental conhecido, ligaram

suas extensas regiões por meio de uma rede de excelentes estradas e deram às suas grandes cidades água corrente. ” (GLANCEY, 2007, p.30)

Acreditamos que a historiografia produzida ao longo do tempo, através da leitura pouco crítica de textos antigos, se converteu nesses grandes manuais que parecem distantes e demonstram pouca ou nenhuma inserção na tentativa de entender essa sociedade. Seus mecanismos surgem na perspectiva de leitura proposta pelo positivismo² ou seja, buscando uma história real, escrita a partir da verdade contida nas fontes, sem grande crítica documental e que, além de tudo, no que diz respeito à História da Antiguidade, a elegeu como um passado grandioso da Europa de então:

A História Nova nasceu em grande parte de uma revolta contra a historiografia positivista do século XIX, tal como havia sido definida por algumas obras metodológicas por volta de 1900. (LE GOFF, 1993, p.28).

E quando se trata de escritores e historiadores do mundo antigo, a situação se torna ainda mais tortuosa, pois estes já são usados para reforçar os conceitos que tentamos analisar com um outro olhar. O que se pode notar é que os princípios dessa religiosidade romana, ou seja, as práticas religiosas precisam de uma análise mais atenciosa na tentativa de compreender essa presença e como ela era vista e vivenciada ativamente dentro desse cenário cultural, social e político. Isso tudo sempre pensando “fora da caixa”, ou seja, pensando em uma “religião romana” com as mais variadas características, saindo um pouco da bipolaridade do monoteísmo e politeísmo, pois sabemos que essas práticas religiosas são mais do que isso. Ela relação de Roma com os povos conquistados, sabemos que ela acaba por adaptar novos deuses e novas configurações às suas práticas religiosas. A religião romana deve ser comentada e estudada com total atenção ao seu esquema voltado à abertura de espaço para outras religiões dos povos conquistados e dominados, integrando características da religião do dominado a religião do dominador, formando esse caldeirão de deuses e ritos que é a Roma Antiga.

Para entender essa religiosidade se deve recorrer a outras ciências, tais como a antropologia, a arquitetura que mais a frente nos dará aporte nas explicações, afinal de contas, Roma em toda sua grandiosidade ergueu muitos monumentos, prédio, estatuas e etc., que são documentos vivos e materiais para entendermos as questões que rodeiam esse contexto. Contamos, ainda, com a arqueologia e a semiótica como contributo na análise do imenso

²O positivismo é a corrente de pensamento que entende que o conhecimento verdadeiro só é possível por meio da observação e da aferição empírica do mundo.

conjunto de documentação que, juntas, explicam e nos levam a entender, o mais próximo possível, o que seria essa religião pública romana ou religião pública. E o momento é propício para a construção de análises rompendo com tradições dessa escrita da historiografia moderna. (ROSA, 2014)

Acreditamos, ainda, que por ser pensada do ponto de vista da historiografia moderna, a religião romana acaba por se tornar algo menos descrito por ser uma prática religiosa desligada de preceitos, de escrita. Para essa historiografia que se vê presa ao documento textual, os textos sagrados passam a ser referência nos escritos sobre religiosidades. Certamente a forma escrita da religião era profícua e se fazia um dos pontos dessas práticas religiosas, mas não era o principal como vemos nas religiões monoteístas, muito atreladas aos seus dogmas e regras de conduta.

A oralidade também marca as práticas religiosas nesse período. Apesar da escrita já estar presente nesse momento, ela era usada, basicamente, em questões de legalização de posse de terras e outras questões, digamos, burocráticas. Mas, mesmo assim, existiam escritos a relacionados à religião. Ao longo dos anos, as pesquisas têm demonstrado a existência de escritos normativos acerca de um vasto bloco de rituais e suas regras, que deveriam ser seguidas à risca; os hinos que deveriam ser entoados, a organização propriamente dita das práticas. Porém é importante salientar, que esse tipo de documento não possui o sentido de texto sagrado como no esquema das religiões monoteístas, como a historiografia tradicional atribuiu por diversas vezes. Podemos atribuir isso, a uma falta de compreensão acerca das formas de contato de Roma com seus povos conquistados, e sua forma de pensar as aderências de novos deuses e esquemas à sua religião “base” do período. Então o que se observa é que historiografia de nosso tempo busca pesquisar as práticas religiosas da Roma levando em consideração todas essas peculiaridades. Busca-se pensar, principalmente, a realização de rituais nessa esfera pública tentando demonstrar que essas questões faziam parte do dia-a-dia dessa sociedade.

As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que ela mantém, seja entre si, seja com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas. (DURKHEIM, 1996, p. 24)

Escrever sobre a religião romana é, sobretudo, portanto, discutir uma imensidão de fatores relevantes que formam uma chamada prática religiosa, ou seja, é pensar em sair do pensamento moderno imposto pela historiografia tradicional e nos situar em um tempo onde

o que chamamos de religião diz respeito a um corpo de situações que vão muito além de locais consagrados, tais como: altares grandiosos em cidades, pequenos altares em casa, festivais, rituais de sacrifício a deuses locais e deuses símbolos da cultura romana, grandes festas públicas, festas pequenas nas casas dos cidadãos e a edificação de estátuas em tamanho real que traziam a imagem dos deuses de forma mais próxima aos seus “fiéis”, e tudo isso construía o que podemos chamar de uma religião romana praticada pela sociedade. Religião que consideramos ser um ponto do importante do expansionismo e conquista mais vantajosa e eficiente que Roma pôs em prática, embora não somente isso.

É importante ainda destacar que a religião romana se desenvolve e tem um profundo contexto público. As divindades circundam essa sociedade de modo que estavam inseridas no cotidiano em todos os sentidos, sejam relacionados à guerra, jogos, festas, decisões importantes, vitórias e, propriamente, seus rituais. Sendo as divindades consultadas nos mais diversos momentos, os sacrifícios são comumente utilizados para petição de apoio divino. Para ilustrar esse cenário usaremos Durkheim (1996, p. 24), quando este diz:

Quando um certo número de coisas sagradas mantém entre si relações de coordenação e de subordinação, de maneira a formar um sistema dotado de uma certa unidade, mas que não participa ele próprio de nenhum outro sistema do mesmo gênero, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui uma religião.

Portanto, observamos o quanto apesar dos pontos peculiares que encontramos nas práticas de cunho religioso que circundam o território romano, podemos sim, de certos pontos de vista, elaborar a perspectiva que ali se encontra de fato uma religião e uma religião que era forte e tradicional desse povo. Apesar de sua interação com novos indivíduos e novas características, mostrando seu politeísmo “diferenciado”, com uma crença demarcada por formações próprias. A religião era bem mais ligada à ação e aos componentes do ritual, sendo assim impossível desconectar religião de política e de sociedade, sendo influenciados diretamente pelo campo espiritual. A identidade religiosa de Roma estava então intimamente ligada à pluralidade sendo o pensamento religioso de Roma uma espécie de colcha de retalhos e esses retalhos seriam essa mistura de ritual, civilidade, política, misturas culturais diversas e tradição. A religiosidade dá então um eixo para a sobrevivência dessa sociedade e, em certo aspecto, cria uma ordem para o mundo romano, os valores, dando papéis para os grupos sociais e fixando a importância dos ritos nessa religião e na vida cotidiana.

Além de Tito Lívio, Políbio que era um escritor grego mas viveu em Roma, também analisou Roma e seus habitantes, os colocando como um povo extremamente

religioso e a forma como ele demonstrou isso foi observando que os romanos lidavam com extremo cuidado com os seus ritos. E esses ritos, bem praticados, faziam a manutenção do que os romanos chamavam de *pax deorum*³ e não praticar os feitos com atenção e regularidade os afastavam dessa paz com as divindades e podia acarretar em um possível desequilíbrio. De fato, o esquema religioso de Roma, tão sistemático, é um dos motivos pelos quais essa religião é lida com extrema frieza e distanciamento historiografia, mas acreditamos que essa era apenas uma das características que mantiveram a eficácia dos ritos e a feitura nas mais diversas camadas sociais.

O modo pejorativo com que a historiografia lança olhar sobre esse tal formalismo na religião romana, reforça críticas que são incorporadas ao pensamento cristão de “maldizer” o período pre-cristianismo, tornando-o discurso de que a religião romana era fria e desprendida de crenças ao contrário das práticas cristãs que imbuíam o homem de fé, crença e espiritualidade. Essa historiografia ainda condena a religião usando o argumento de que por ser tão social como percebemos, ela se distancia do que é necessário para ser realmente uma religião divina tal como as religiões modernas, ou seja, persistindo no erro de usar os filtros das religiões monoteístas para falar de uma prática religiosa marcada por politeísmos próprios. A pouca referência acerca de crenças pessoais, devoção individual, já que os cultos públicos são mais ganham a maioria dos espaços na documentação, dá corpo a essas críticas modernas. Porém, o ideal é não procurar encontrar igualdades entre nossas ideias do que é religião, devemos trabalhar com o contexto e com suas singularidades. Nesse sentido esse tipo de pensamento preconceituoso retira a importância que os ritos tiveram na formação da cultura identitária de Roma.

2.2 Peculiaridades da Religiosidade Romana

Os ritos e crenças da concepção religiosa tem uma função deveras importante no que se refere a construção do que seria a identidade romana no mundo antigo, na família e na política. E a obra de Tito Lívio auxilia as novas concepções sobre a religiosidade romana, contribuindo nessas novas discussões que giram em torno dessa faceta de Roma. Demonstrando, através da importância do Capitólio para os romanos, sua significativa inserção e responsabilidade para com os espaços de culto e os rituais em si. A identidade

³A *pax deorum* ou paz dos deuses é a forma prática e base do que chamamos de religião romana antiga, pois é simplesmente a harmonia ou de certa forma o acordo entre homens e divindades para o bem-estar e a paz no aspecto mútuo da relação e isso seria de importância irrevogável para o estado e a sociedade.

religiosa romana surge ligada a este aspecto. O capitólio, na obra de Tito Lívio, é uma espécie de ponto central para a religião romana. O autor destaca em seu livro I que o capitólio é destinado pelo próprio Rômulo⁴ a ser um espaço que também se destinaria a receber os despojos de guerra dos chefes inimigos, ou seja, dedicando um espaço no templo às dádivas obtidas na guerra. Tito Lívio demonstra em sua escrita com notória recorrência o capitólio como um dos principais monumentos da cidade, tornando-o centro simbólico e religioso romano, os acontecimentos mais importantes tinham como palco o Capitólio. Tito comenta no início do seu primeiro livro como a ocupação do capitólio e como Rômulo destaca o espaço para ser depósito dos despojos de guerra dos inimigos. Apesar de que Tito Lívio (2008) comenta também que essa função orientada por Rômulo, dificilmente aconteceu, pois para os romanos tal situação tornaria obscura a memória desse primeiro rei romano. A significância do capitólio em Tito está conectada também a forma correta de se realizar os ritos e a crença de Tito na inferência dos deuses no território romano. Para Tito era de fundamental importância que os rituais fossem feitos da forma correta e com o devido respeito, pois isso estava intimamente ligada ao sucesso das operações militares. Nesse sentido, observamos então que o capitólio é centro de sentido crucial para a cidade e para o seu destino, sendo o poder de Roma e todo o avanço conquistado através dos deuses e da observância religiosa corretamente construída. Contudo, o que realmente nos importa aqui é demonstrar o importante ponto de conexão entre esse centro religioso com a faceta dessa Roma militarizada, guerreira e de expansão. O uso que Tito Lívio faz do mito de Rômulo, aludindo à função do Capitólio, nos faz poder supor o que neste trabalho defendemos, ou seja, a articulação inseparável do aspecto religioso, de todos os outros aspectos da vida de Roma. Tito Lívio era um homem que pensou o momento histórico em que estava inserido, portanto, discutindo e descrevendo o que ele observa da religião e seu lugar social.

De certa forma é difícil compreender o esquema religioso de Roma em sua condição total, pois o panteão romano é inegavelmente muito rico e complexo, pensando em todos os inúmeros deuses e deusas que geralmente são incorporados (as) e anexados (as) às práticas religiosas romanas sempre que passam por uma conquista de território. Pensar em toda e qualquer forma de identidade de Roma, é pensar nas pluralidades desse território:

Há muitos indícios de que uma tradição romana pura, não afetada por influências estrangeiras deve ser tratada como um mito moderno e não como uma realidade romana. (ROSA, 2006, p. 140).

⁴ Fundador mítico da cidade de Roma.

Um dos exercícios mais difíceis de fazer quando analisamos a antiguidade é não pensar suas questões de forma anacrônica. Usando Tito Lívio como base, podemos perceber que essas práticas religiosas devem ser entendidas no seu contexto e na sua condição de tempo. Obras como a de Jaeger, que também analisa o território romano a partir dos escritos de Tito Lívio, nos fazem pensar nessa Roma religiosa:

Roma é o centro do império que governa, e o Capitolino, o centro fixo da religião romana e lar dos deuses que são a fonte da supremacia de Roma, é o centro de Roma. (JAEGER, 1997, p. 3).⁵

Observamos então que a construção e argumentação de Jaeger se fomentam com base também na localização desse capitólio e sua importância na arquitetura da cidade. E para Tito Lívio esse capitólio é descrito com bastante importância, para além do seu significado religioso, mas também como o ponto central da cidade. Simbolicamente representando essa identidade de Roma e sua importância nos mais diversos momentos dentro dessa sociedade, inclusive pautando a construção de outros elementos ao redor do capitólio. Portanto o capitólio para Tito Lívio é compreendido como um local de extrema relevância e este acreditava que, para o povo romano, era assim também, já que ele acreditava que essa relação com os deuses era profícua no que se refere ao bem-estar da sociedade e do estado. Nesse sentido, entendemos que ter o local específico, fazer os ritos da forma correta e cumprir com os desígnios dessa relação manteriam o sucesso particular e inclusive o sucesso a nível militar, pois estes também deviam fazer suas expiações aos deuses. Sendo assim, o capitólio seria o ponto romano que simbolizava poder, além de uma importância irrevogável para a cidade.

Entende-se, então, que a religião romana nasce praticamente junto com a cidade, pois os pontos de culto são formados junto a grandes construções que pautam a realização desses grandes ritos, tal qual o ritual de Júpiter e outros grandes deuses romanos que tem seus rituais institucionalizados por Numa⁶. Suas práticas religiosas estão, irrevogavelmente, ligadas aos pontos que norteavam e funcionavam como base para a sociedade de Roma. E essa falta de sensibilidade do historiador moderno em entender que não há distinção entre práticas religiosas e os demais círculos cotidianos dessa sociedade tais como o jurídico, o cultural, o político e etc., que dificulta fazer essa abordagem que estamos fazendo em nosso trabalho.

⁵Rome is the center of the empire it rules, and the Capitoline, the fixed center of Roman religion and home of the gods who are the source of Rome's supremacy, is the center of Rome".

⁶ Numa Pompílio (753^{a.C} a 673^{a.C}), segundo Rei de Roma, responsável pela elaboração das primeiras leis, dos primeiros ofícios religiosos e do primeiro calendário romano.

Essa religião tem total participação no que se pode entender por identidade romana inclusive no que se refere ao que constitui as responsabilidades dos cidadãos dessa comunidade. E quando percebemos essa inserção da religião nas mais diversas esferas desse contexto romano, entendemos como as práticas religiosas possuem um papel, na vida cotidiana dos romanos, de marcar e dar inteligibilidade para a organização nesse território. Os rituais são os aspectos mais instigantes no que se refere ao estudo sobre a religião romana, pois é uma das práticas mais relevantes na mediação entre o humano e o divino, é através desta ação ritual que estes homens tinham um contato com o mundo imortal. Stanley Tambiah (1985), antropólogo, traz uma definição interessante desse conceito quando nos relata que o ritual é sistema cultural que se faz através de uma comunicação principalmente simbólica, sendo constituído por sequências ordenadas e padronizadas no que diz respeito aos atos e palavras. Ou seja, com essa definição, nota-se que rituais fazem parte do cotidiano e estão integrados e presentes no dia-a-dia de quem os praticando isso percebido através da importância que o calendário romano tem na vida da sociedade de Roma.

Aprendemos com a antropologia que a partir dos estudos dos ritos de um grupo social compreendemos e entendemos muito mais de uma sociedade, seus valores e suas inspirações, a forma de governar das autoridades do território e etc., pois se entende que as confecções desses atos públicos consistem em um método prático de se comunicar com o povo. É uma espécie de troca entre os feitores oficiais, os espectadores e os autores, sendo assim um mecanismo de poder. O ritual, portanto, além dessa dimensão simbólica que observamos ao longo da discussão também penetra na dimensão do coletivo, fazendo seu papel, atuando diretamente nos indivíduos formadores da sociedade, dando sentido e ordem construção do feito e da tal identidade que encontramos na historiografia como romanização que é uma espécie de resumo do que se entende por toda essa gama de coisas que se forma na república tardia de Roma a nível macro envolvendo todos os aspectos dessa sociedade e de todas as outras sociedades que foram englobadas a Roma ao longo do tempo.

Já discutimos o cuidado ao analisar a obra de Tito Lívio por sua pretensão em construir uma determinada imagem de Roma, defendendo um certo favorecimento que os deuses teriam tido em favor de Roma e seus cidadãos justamente pela realização com maestria dos ritos religiosos. Para Tito Lívio, o esplêndido sucesso do exército romano e a força com que estes lidavam com os estrangeiros se explicava pela estreita relação com o divino que os romanos construíram através da exemplar realização dos rituais, rituais estabelecidos pelo calendário oficial. É importante destacar que a crença do povo de Roma também se dá de forma diferenciada de todos os outros tipos de religião, principalmente pelo fato da crença,

para eles, estar diretamente ligada a ação. Para os romanos, acreditar seria fazer os ritos em sua perfeição, crer era ter a confiança na realização do rito, ou seja, a religião romana é diferente de todas as outras porque não existe uma revelação, não existe um livro sagrado ou dogmas, mas existe o que já discutimos a ortopraxis que é a forma correta que se fazer os rituais. (SCHEID, 2003, p.18).

3 A RELIGIÃO ROMANA ATRAVÉS DOS RITUAIS

Os Rituais, tema amplamente discutido pelas ciências sociais, principalmente pela antropologia, que já tornou o assunto uma espécie de clássico de suas análises com vários teóricos discutindo sobre o tema para entender os povos que os fizeram ou ainda os fazem. Ou seja, essa ciência pouca olha sobre essa temática e discorre vários estudos sobre isso. Os ritos são complexas formas de se pôr em prática a crença e a devoção divina, mas ainda mais, são demarcadores de um consenso social, de uma dinâmica social melhor dizendo. No contexto moderno, os ritos são formas sequenciais complexas, com cada detalhe feito em ordem fixada e previamente estabelecida, seguindo sempre uma data e a tradição já firmada. A vida é rodeada de rituais e estes rituais atuam principalmente na antiguidade como um organizador e trabalharam como mediadores sociais e a repetição que os ritos costumam ter dão segurança aos que participam. Para Foucault (1996, p. 45), por exemplo, ritual se interpreta da seguinte forma:

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); ele define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que deve acompanhar o discurso; fixa, enfim a eficácia suposta ou imposta quanto às palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem os limites de seu valor repressivo.

Na história podemos observar a presença de rituais religiosos nos mais diversos momentos, não só romana, mas em muitos períodos antes disso e sendo os rituais encontrados em situações extremamente significativas para a sociedade que o pratica.

Sempre vivendo na dicotomia entre o sagrado e o profano, Durkheim (1996) discute que os ritos se transformam na melhor ocasião para se usar dessa dicotomia, tendo como resultado ainda os laços sociais sendo fortalecidos através da realização dos rituais, implementando uma espécie de coletividade, guardada suas devidas proporções. Os ritos no cerne da questão fornecem a segurança prática da relação com o divino, é a tentativa de se realizar um agrado aos deuses e nessa celebração existe, sim, a sensação do que chamaremos de coesão social. Na historiografia o rito é descrito, em alguns momentos, como uma repetição ou tentativa de uma teatralização de um mito ou de algo que já aconteceu e foi de alguma forma de importância fundamental para as práticas religiosas e o grupo social. O ritual ainda é visto como prática que transpõe algo para o grupo ou sociedade que o faz.

Observamos ao longo dessa construção que as práticas religiosas romanas são sim pontos fundamentais e de certa forma centrais no que se entende pelo sistema que interliga o cultural, o político e o social. São poucos os estudos sobre a importância fundamental das práticas religiosas e da religião romana para o que chamamos de cultura do mediterrâneo, tornando mais um ponto de pouco interesse dos historiadores. Podendo o ritual ser destacado como um elemento de total significado no que chamamos de coesão social dentro do território. Tito Lívio destaca parte de seu primeiro livro para descrever, por exemplo, a existência e a importância de se construir um colégio pontifical para que se fosse feito tudo dentro de uma ordem, para que os ritos e as tradições não fossem negligenciados e o direito divino não fosse contestado a partir do costume de incorporar ritos estrangeiros. O autor ainda discute que nos sacrifícios, tanto no setor público quanto no privado, os pontífices determinam com cuidado a construção dos ritos, determinando questões de datas, vítimas e lugar onde o mesmo seria realizado. O colégio pontifical denota ainda importância no que se refere às questões de análise sobre os Livros Sibílicos⁷ ou seja, analisando de forma macro, o colégio seria o que podemos entender como responsável por organizar e controlar a feitura dos cultos que derivavam de povos estrangeiros nessa religião romana. Sempre cuidando das diferenças entre um culto “nativamente” romano e um culto que surge no expansionismo, apesar de considerá-los parte de um todo que seria esse esquema religioso romano. (ROSA, 2010).

Entendemos que esse aspecto da religião romana contribui para a construção de uma visão um tanto quanto carregada de uma visão preconceituosa, quando sugerem que as práticas religiosas romanas se tornaram uma costura de coisas que a tornaram “impura” e muito misturada aos cultos de outros povos. O que se pode dizer da tolerância de Roma quanto a religião é que seria umas das barganhas mais inteligentes que um grupo dominador que não obrigava à prática dos seus ritos aos povos dominados e, sabiamente, não confrontava a realização dos cultos desses mesmos dominados ainda que fosse na urbs, essa prática viria a

⁷ Os Livros Sibílicos eram atribuídos à Sibila, uma sábia mulher que recebera sua inspiração de Apolo. Eram conhecidas várias tradições relativas a diversas Sibilas, identificadas por suas diferentes localizações geográficas por todo o Mediterrâneo, e mesmo no Oriente. Supunha-se que os Livros romanos eram provenientes da Sibila Itálica, que supostamente os depositara numa caverna em Cumae. Tanto os romanos como os etruscos do século VI A.C mantinham estreitos contatos com os gregos que viviam na Campânia e no Sul da Itália, logo não seria impossível a chegada de textos proféticos gregos nesta época. Menos verossímil é a conexão dos textos com a Sibília de Cumae, que não é nomeada nas versões que chegam até nós. Não sabemos ao certo nem mesmo se os textos eram escritos em gregos. É significativo, porém, que estes textos se relacionem com a mítica tradição de Tarquínio, um rei a quem se atribuía uma origem grega, de Corinto, e não a Rômulo ou a Numa. (ROSA, 2008)

se chamar de *municipalia sacra*. Há relatos de decretos pontifícios que permitem a realização de ritos que o povo trazia consigo de seus territórios.

Segundo Festo, escrevendo no século II d.C., “aqueles ritos eram os chamados *municipalia*, ritos que o povo tinha desde sua origem, antes de receber a cidadania romana, e que os pontífices desejavam que continuassem a observar e realizar do modo como estavam acostumados a realizar desde a antiguidade” (ROSA, 2010, p.192).

É relevante colocar, também, que o fato de Roma incorporar ritos e deuses dos povos conquistados, não possui, somente, um caráter racional de apaziguar conflitos. É preciso lembrar que eram homens de seu tempo, que estavam imersos em uma cultura politeísta, de crença em um divino absolutamente múltiplo. Incorporar os deus e rituais estrangeiros, era se fortalecer junto ao mundo divino.

É importante reafirmar que a religião romana não se dissocia do contexto político, ou seja, a construção da relação de permissões entre a religião nativa e a estrangeira formava um novo ponto de conexão para entendermos mais esse quadrante em que a historiografia tradicional reafirma suas ideias engessadas em relação à história romana. Os deuses romanos eram muito mais que divindades superiores, que detinham total afastamento, esses deuses tinham relações de cidadania romana, tendo inserção em vitórias e derrotas, portanto, a religião está profundamente ligada ao que chamamos de político; os rituais religiosos estavam conectados as situações políticas de forma irrevogável.

O povo conhece a religião e a sua verdade através das cerimônias, ritos e interpretações das lideranças religiosas e sociais. Na medida em que este conhecimento está fundado na fé, trata-se de um fundamento irracional. Já a autoridade política e o legislador e, eventualmente o sacerdote, conhecem a religião de forma racional. (FORNAZIERI, 2006, p.120)

Partindo desse ponto, é importante sempre voltar a pensar nesses tais filtros e como vemos a religião romana, pensar nela como algo tão trivial nesse momento da história desse futuro império que é tratado em textos e escritos sem a seriedade que se pensa a partir da instauração das religiões que são mais sistemáticas e possuem práticas monoteístas e textos centralizadores, os chamados textos sagrados que já comentamos, ou seja, o contexto e a situação onde se encaixa o cenário religioso de Roma é bastante peculiar referente ao momento e aos povos desse período histórico. E essa peculiaridade se dá através da forma que os textos sagrados nessa respectiva sociedade é encarado, dizer que os textos são obras que refletem ensinamentos tais como a bíblia por exemplo está fadado ao erro, visto que os tais

textos sagrados do período se traduzem em uma espécie de manual de como se deviam fazer e organizar os ritos e rituais que formam a religião romana. Podendo ser descrito como instrumento dessa tradição das práticas dos sacrifícios por exemplo. E dessa tradição se permeou as memórias do que seriam essas dinâmicas religiosas, ou seja, não dá para comparar os escritos do período e sobre os rituais com textos que dão corpo a ideologia de uma crença ou doutrina religiosa.

Podemos discutir, aqui, o uso desse conjunto de textos sagrados pela historiografia moderna que usou a peculiaridade da organização desses documentos para renegar qualquer envolvimento religioso mais aprofundado, ou seja, reafirmar o conceito de que a religião romana não passava de mecanismos políticos voltados apenas e simplesmente para manter essa sociedade, sem o menor aprofundamento com a questão divina ou propriamente uma devoção por parte da sociedade. E essa construção vem ao longo do tempo sendo derrubada por um ponto de vista e uma corrente revisionista como já dissemos, pensando em analisar esse tempo com suas particularidades sem comparar ou tentar identificar pontos que aproximem a condição religiosa de Roma a qualquer outra que seja moderna ou politeísta ou centralizada em algum manuscrito ou texto sagrado.

O que entendemos é que a questão religiosa de Roma é bem menos estratificada e rígida que os historiadores modernos entendem e comentam. A religião é, sim, um complemento, ou melhor, uma base de extrema importância para entender o conjunto social-cultural-político romano. Pois a cultura desse período, nesse território europeu mostrava que as categorias do sagrado, do militar e da política sobreviviam em sua totalidade e conjunta função. Esse tipo ideológico é o parâmetro com o qual o povo delimita seus cultos e ritos. (DUMÉZIL, 1997).

O período em que se encontra fixada a atenção desse trabalho se remete da monarquia a república de Roma, e o que podemos chamar de práticas religiosas se remetem a rituais a deuses e deusas do território. Dito isso, é importante destacar ainda que buscamos demonstrar através das análises desses rituais, a construção de uma coesão social que tem como pano de fundo a feitura desses e a prática dos ritos em prol de toda a sociedade em questão.

Para isso, usaremos da teoria e escrita de Emile Durkheim e sua relação direta com as questões de religião e como estas constroem pontos de conexão. Para Durkheim (1996), por exemplo, os rituais coletivos incutem compulsões partilhadas e ele ainda escreve que “Cooperamos por pensarmos de forma semelhante, pensamos semelhante graças ao ritual”. Nesse contexto, entendo que Durkheim pensa que o cerne da questão estaria no fato de

que, no ritual são partilhadas ideias, obrigações e comportamentos comuns criando, assim, um sentido de sincronia ainda que só naquele momento, até porque sabemos o quanto a sociedade romana era hierarquizada.

Para Durkheim (1996), o conjunto sistêmico de uma sociedade, de uma crença ou culto segue impreterivelmente um bloco de representações primordiais e, dentro disso, sempre buscando ter um objetivo e função que fale ao grupo social como um todo. Nesse caso, as práticas religiosas se inserem no nicho social. A questão dos rituais, o crer nas divindades e todos os mecanismos envolvidos nas práticas religiosas são conseguidas através daquilo que as representa, do interesse do todo.

Durkheim (1996) aponta, ainda, que práticas religiosas são mais do que a devoção aos deuses e ao sobrenatural. O sagrado movimentando as crenças e esta sacralidade liga a religião, ou seja, práticas religiosas são organizadas a partir da existência dos grupos sociais de cada território. Sem o que chamamos de sociedade não existe religião, a relação de retroalimentação está sempre viva, pois, segundo o autor, inclusive a própria ciência da filosofia só pode compreender a classe humana se também compreender suas questões religiosas. O autor sempre busca pensar e nos fazer pensar que práticas religiosas são totalmente inseridas no contexto social, sendo um “reflexo” da sociedade, nos fazendo compreender que as práticas religiosas são um mecanismo fundamental para entendermos o quanto esse sagrado representa para o coletivo, ou seja, a sociedade. Durkheim (1996) reflete sobre um objetivo dentro das práticas religiosas, que podem ser intencionais ou não, que são os resultados alcançados através de ritos que acabam por criar um sentimento de pertencimento e de certa igualdade entre os que praticam, ou seja, os ritos nos provocam o sentimento de coletividade, nos aproximando, fazendo interação, movendo a dinâmica da sociedade que no momento do ritual confia e acredita umas nas outras e na busca por seus interesses compartilhados. É o que Durkheim (1996, p. 50) chama de solidariedade mecânica⁸. E isso não é algo presente apenas nas sociedades antigas.

A solidariedade é inclusive tão estreita que, em alguns povos, as cerimônias através das quais o fiel entra pela primeira vez em comunicação com seu gênio protetor se misturam a ritos de caráter público incontestável, a saber, os ritos de iniciação.

⁸ A solidariedade mecânica seria para Durkheim um tipo de sociedade onde o fator relevante seriam as semelhanças entre os membros participantes, ainda que semelhanças ideológicas ou de crenças, sendo assim a ligação entre eles seria mecânica.

A sociedade mecânica de Durkheim vem dialogar diretamente com o que Vernant descreveu como um jogo de interesses pessoais, apesar do pano de coletividade. O homem ou mulher daquela sociedade antiga estavam preocupados com sua própria felicidade e o que lhe esperava depois da morte, ou seja, os rituais ou sacrifícios que fossem realizados dentro de um culto, ainda que fosse um processo de configuração coletiva, ainda que a oferta fosse de caráter individual e única. Os ritos populares, então, respondem a essas prerrogativas na medida em que atendem os anseios pessoais através do culto público. Os rituais e as práticas religiosas são mecanismos, sobretudo na antiguidade, de se construir e delimitar a hierarquização da sociedade, a formação de grupos e a ordem social que se viria a ter. A condição religiosa das sociedades antigas, mais precisamente a romana, formou um complexo sistema sagrado que foi entendido pela historiografia tradicional, como sendo uma produção menor. É importante registrar que nosso trabalho busca pensar o ritual e as práticas sacrificiais no que tange os relatos, documentos e imagens do período, para que através desses instrumentos possamos entender as noções e esquemas rituais. Porém, sempre com o cuidado de entender que não estamos construindo uma explanação real de como acontecia o culto e como eram suas etapas nas primeiras eras de Roma. Os discursos, portanto, foram escolhidos e serão lidos no sentido de entender suas posições a respeito do período.

A religião romana que conhecemos é baseada num corpo limitado de material. Este material nos mostra a escassez de intervenções divinas diretas, de grandes mitos de atividades divinas e mesmo de “profetas”. (ROSA, 2006, p.137).

Dentro dessa perspectiva, analisando as leituras voltei meu olhar para um tema que por mais que aparecesse bastante nas produções me chamou a atenção por estar sempre voltado para como era feito e por que era feito, sem entender de que forma era visto na sociedade e esse tema é o sacrifício. Sacrifício esse que se insere num panorama religioso, mas acaba por criar um elo entre o aspecto social e nos mostra um pouco mais dos grupos que o praticavam. Nesse sentido, estudar essa prática nos faz aprender como ele era tido no contexto social romano.

Os rituais religiosos sobre os quais repousa nossa atenção são além de “reflexos” do social. São formas de entender o que, para o romano vem a ser uma crença, uma aspiração de religião e o mais importante, entender que esses rituais têm total ligação com pormenores políticos e hierárquicos além de ligações sociais e dos costumes que esse povo costuma ter. Durkheim (1996) comenta em sua obra que cultos não simplesmente um grande sistema de

símbolos nos quais a fé é traduzida em seu exterior, ele é um meio através do qual a sociedade cria e se recria, com base em mecanismo materiais e/ou mentais que são sempre eficazes. Resumidamente, acreditamos que o autor comenta que ritos são extremamente eficazes no sentido social da coisa.

Os rituais, como podemos observar, pautam a religiosidade romana, tendo importância nos mais diversos aspectos, inclusive na construção de um calendário, na inserção do povo nos ritos já que estes em sua grande maioria misturavam política, religião e festa. A formação de um calendário que pautava as mais variadas atividades religiosas demonstrava o quanto esse tipo de instrumento mostrou a tradição de confecção de rituais com sacrifícios em sua conjuntura. O tema sacrifício caminha sempre em solo bastante movediço, pois sua feitura acabava sendo sempre atrelada a singularidades e até mesmo excentricidades de sociedades que o praticavam. Pensar em estudar a antiguidade tendo como ponto central a antiguidade clássica romana se mostra um trabalho árduo quando a escolha se detém na questão religiosa. É preciso compreender a historiografia que se calcificou ao longo do tempo, ditando um modelo historiográfico que dificilmente busca pensar as questões religiosas que envolvem esse grupo como um ponto de importante entendimento das dinâmicas desse povo. Podemos observar esse aspecto da construção desses politeísmos e mais ainda do pouco interesse da historiografia tradicional pelas práticas religiosas romana, dando muito mais ênfase ao momento em que o Império se torna cristão, ou quando muito, aos movimentos cristãos primitivos. O politeísmo romano vai perdurar ainda durante toda a antiguidade clássica, perpassando, mesmo, o chamado período cristão do Império.

Para alguns escritores como Julius Evola (2016), que é filósofo, a negação da história desse período romano dentro de uma negação macro da religião do período clássico se dá de forma irremediável para a construção do que seria afirmar a positividade da inserção do cristianismo e da tradição judaico-cristã em detrimento do período onde esse “paganismo” é cenário de Roma. É deixar de pensar em um período que nos deixou tradições e permanências. Podemos, então, no hábito de negar a prática desses sacrifícios entender uma espécie de atrito com os religiosos posteriores aos politeístas, como os cristãos e judeus, já monoteístas, que entravam em choque com suas religiões em contraponto a uma sociedade recheada de sacrifícios propriamente ditos; e os sacrifícios simbólicos feitos ao imperador e pelos cônsules por exemplo, servindo de demonstração de lealdade.

Os estudos das questões a respeito da realização dos rituais necessitam de muito cuidado no propósito de observar, com atenção, os detalhes que permeiam sua construção e o porquê de estar sendo feito. Observar que o ritual é um importante e necessário meio de se

fomentar um mecanismo de renovação e até mesmo construção de características fundamentais na formação de uma sociedade e isso não seria diferente em Roma. A consolidação da hierarquização política do período, a construção de laços sociais que chamamos de coesão social, implementando o que seria um tipo de aspiração comum a todos, ou seja, construindo necessidade de caráter social, realizando desenvolvimento e inovação dentro da sociedade do período refletido. Portanto, o ritual, além de uma reflexão da sociedade, mostra como se dá essa comunicação nessa sociedade ainda que simbólica e momentânea, se dá como instauração de uma tradição desde Numa, que é considerado por muitos o grande idealizador e gestor dessa religião romana, organizando os deuses, o calendário cívico com a divisão em dias fastos que eram os dias da justiça e os dias nefastos que eram os dias dedicados aos deuses, dando o nome dos principais e quatro primeiros deuses aos meses que formavam o calendário. Tito Lívio (2008) descreve em sua obra, que o rei havia estabelecido um imenso número de rituais, sendo esses sociais e jurídicos, sendo os jurídicos responsáveis por boa parte do controle da violência que iremos comentar mais a frente, sendo responsável também pela coesão social através da instauração de uma nova perspectiva desse sagrado.

Claudia Rosa (2011) comenta inclusive que esses rituais religiosos podem ser destacados como instrumentos que sacralizam e dão ordem às estruturas políticas e sociais dentro da Urbs, fabricando, assim, uma espécie de ordem nesse território. Quando deuses de setores domésticos passam a ter cultos públicos, para Coulanges (2006) por exemplo, o que era particular, foi “oficializado” como público. Coulanges diz que deuses e divindades que tinham prestígio com as famílias por terem suas causas atingidas, passaram a ter um status social e serem cultuados por famílias outras iniciando, assim, uma espécie de religião que, claro, guardada suas devidas proporções. Mas tendo em vista que já se tem uma questão do sagrado enquanto importante fator religioso desse “paganismo romano”.

Outro interessante aspecto a ser comentado da religião romana se dá na forma como as divindades eram peças constituintes da sociedade e tinham seus rituais regulamentados pelo calendário oficial. Porém, em Roma, não se tinha a garantia que a divindade estaria presente ou acompanhando o ritual a ele oferecido, mesmo que o grupo que estivesse oferecendo fosse um dos mais importantes ou reconhecidos. Dessa forma, o ritual teria que ser feito com muito mais maestria e cuidado, pois se não era certo que estes atenderiam aos pedidos e voltariam sua atenção por conta de um ritual feito com todo o cuidado, essa proporção diminuiria mais ainda em ritual feito sem comprometimento. Nesse sentido a tradição reza que, as pessoas que visitavam ou iam à casa de alguém deveriam ser

convidadas, desta forma, as divindades também seguiam esse costume, sendo devidamente convidadas a estarem presentes em ritual a elas oferecidos, ou prece ou socorro ao ofertador, sendo este também um ponto importante para se contar com a presença dos deuses e deusas no ritual. Teoricamente, observamos tal construção quando Durkheim (1996, p. 21) nos diz:

Aliás, se é verdade que o homem depende de seus deuses, a dependência é recíproca. Também os deuses têm necessidade do homem: sem as oferendas e os sacrifícios, eles morreriam. Teremos ocasião de mostrar que essa dependência dos deuses em relação a seus fiéis mantém-se inclusive nas religiões mais idealistas.

Portanto, os rituais servem não apenas de base para dar corpo a essa “religião oficial” romana que buscamos entender, mas para dar dinâmica a essa sociedade que não trabalha com um só deus ou uma forma de se realizar rituais. O que se tem entendido é que as práticas religiosas romanas são sobretudo junções de sua própria identidade com a identidades de povos conquistados, pois sendo esse um povo dominador, diria, inclusive, supersticioso, era comum se adequar ou anexar deuses e meios de se realizar rituais dos povos conquistados, transformando assim essas práticas religiosas em singulares na antiguidade. Mostrando a peculiaridade dos ritos em Roma e seu território, como um dos mais importantes fatores esquecidos pela historiografia tradicional, talvez por isso o excesso de anacronismos na tentativa de entender os caminhos que se fizeram até se forma o panteão romano. No caso, aqui iremos nos ater a uma das mais comuns formas de contato com os deuses que seria através do sacrifício de animais oferecidos em homenagem a uma divindade na busca pela concretização de um desejo ou sucesso em uma colheita, por exemplo. A religião transposta em forma de rituais fixados em um calendário demonstra ainda a hibridez dos ritos religiosos com o poder romano, tendo em vista que as festividades romanas oficiais se pautavam em agradar ou agradecer conquistas ou projetos amparados pelos deuses e deusas a quem ofereciam sacrifícios de animais. Festividades como a Lupercalia⁹, Parilia, Cerialia e

⁹ Era feita uma procissão aos 15 dias de fevereiro e os Lupercos que estavam nus na ocasião davam uma volta no Palatino, enquanto se flagelavam com correias que eram cortadas da pele de uma cabra imolada antes da procissão. As mulheres esperavam os sacerdotes lupercos passarem na rua para receber uma parte do sangue que era aspergido por ele, pois acreditavam que isso trazia fertilidade. A procissão acontecia depois da imolação da cabra, o sacerdote que a imolava encostava a faca ensanguentada na região da testa dos Lupercos e depois passava-se um algodão embebido no leite na marca de sangue. Havia ainda o sacrifício de um cão nesse ritual. A procissão saía do santuário de Fauno Lupercos, que se encontrava numa gruta que era considerada o berço da cidade de Roma, onde Remo e Rômulo tinham sido amamentados pela loba. (GRIMAL, 1992, p. 286).

Vinalia¹⁰ Matralia¹¹ e a Vestalia¹², entre outros, tinham a participação de sacrifícios no que se refere ao ritual em si, sendo esse o ponto alto da homenagem. Se sacrificavam animais, com os mais diversos tipos de propósito, tais como: triunfos que eram para comemorar vitórias militares e, por conseguinte era ligado a elementos religiosos e funerais. A prática dos sacrifícios animais é feita há muito tempo e se faz numa tentativa de se ligar ao sagrado. O rito, portanto, é um ponto de conexão para se comunicar com as divindades, utilizando uma vítima expiatória para chegar ao sacrifício, ou seja, o animal fica no lugar da pessoa que o praticava na tentativa de agradar os deuses. Por isso os animais envolvidos no ritual tinham que ser sem defeitos.

Em se tratando da ritualística que iremos trabalhar, escolhemos o rito sacrificial chamado Suovetaurilia, que é de caráter religioso e faz parte do contexto do cotidiano romano e também de forma oficial como ritual de estado, justamente o que buscamos pensar em toda essa sociedade como religiosa e não apenas um quadrante.

Nesse sentido buscamos compreender alguns conceitos para explicar a inserção social e como esta atua diretamente neste reduto de socialização entre romanos e não romanos. Como ela opera de modo a demonstrar a importância dos cultos a nível público e particular. Isto nos dará base para entender esse território como religioso e não um religioso mecanizado e feito apenas para ‘constar... É preciso quebrar algumas correntes para entender o lugar privilegiado que ocupavam as práticas religiosas na Roma antiga. Para isso, lançamos mão da análise do ritual da Suovetaurilia.

¹⁰ Esses rituais tinham como pano de fundo o pontapé inicial do período agrário, pedindo sempre uma colheita boa aos deuses. As procissões eram dentro da realização do culto a deusa Ceres que era a deusa ligada à agricultura. (GRIMAL, 1992, p. 467).

¹¹ Era um ritual feito para deusa Mater Matuta, deusa da manhã ou aurora ou alvorecer. E essa deusa tinha como participantes do seu ritual mulheres que tivessem sido casadas apenas uma vez e que o marido ainda fossem vivos. Se realizavam sacrifícios e procissões em sua honra em 11 de junho. (GRIMAL, 1992, p. 467).

¹² A Vestalia era feita em honra à divindade Vesta, protetora do fogo comum à cidade, mulheres casadas, mães de família que gerariam futuros homens de cidadania romana. Nesse ritual burros mais jovens eram decorados com flores e não executavam trabalhos e os mais velhos eram sacrificados em honra à castidade das sacerdotisas da deusa. Chamadas Virgens Vestais. (GRIMAL, 1992, p. 467).

4 A SUOVETAURILIA: entendendo o ritual

Ao longo do tempo a cultura do sacrifício tem sido uma forma de comunidades e grupos antigos desenvolverem sua religião e relação com os deuses. Muitas dessas sociedades usam animais que são sacrificados a eles. No que se refere aos romanos, estes tinham uma forma bastante característica de promover um ritual de sacrifício aos deuses: a Suovetaurilia. O ritual de Suovetaurilia se encaixa na categoria de Lustrum, que são os rituais usados pelas mais diversas camadas romanas na purificação de um lugar, uma plantação e até mesmo um grande território, pois a Suovetaurilia era utilizada por autoridades romanas em tempos regulares, geralmente de cinco em cinco anos para purificar a própria Roma. A Suovetaurilia romana surge de um rito de purificação bem primitivo, chamado “lustratio pagi” que era oferecido aos três deuses que formam a tríade de maior importância de Roma: Jupiter, Marte e Quirino. E desses deuses se podem retirar alguns aspectos do ritual. E o esquema de integração do sacrifício de Suovetaurilia inserido como lustratio, ou seja, como ritual de purificação vem se confirmando em vários documentos do período, tais como: os textos de Virgílio e Tito Lívio, onde estes descrevem este ritual.

Nesse trabalho usaremos a interpretação e descrição do ritual por historiadores, escritores do período e da historiografia moderna, para entendermos por, base de comparações e análises, a importância desse. Segundo Cumplido (2008) a palavra Suovetaurilia tem um significado em sua semântica, pois ela é formada a partir dos nomes dos três animais que são usados nesse ritual que seria o ‘sus’ originário do javali, ‘ouis’ do carneiro e ‘taurus’ originário do touro . em suma a junção do nome das três vítimas usadas no sacrifício dá origem ao nome do ritual, sendo que essa forma de dar origem a nomes de rituais não seria nova pois, ainda segundo, Cumplido este mesmo ritual era também chamado de Solitaurilia:

O lustratio ou purificação do campo é uma cerimônia romana durante o qual três vítimas sacrificiais são imoladas: um porco, um carneiro e um touro: taurus, a quem é nomeado por suovetaurilia para o sacrifício de três animais; também chamado solitaurilia por outros autores romanos. (CUMPLIDO, 2008, p. 288)¹³

¹³Texto original: La lustratio o purificación del campo es una ceremonia romana durante la cual se inmolaban tres víctimas sacrificiales: un cerdo: sus; un carnero: ouis⁷ ; y un toro: taurus⁸ , a los cuales se nombra, mediante la nominalización de la frase: su, oue, tauro facere/operiresacrificium, esto es: suovetaurilia palabra que designa el sacrificio de los tres animales; también denominado solitaurilia por otros autores romanos. (CUMPLIDO, 2008, p. 288).

A participação de animais do sexo feminino em ritual ainda é controversa, pois em sua maioria, animais do sexo masculino são usados e a palavra originária do latim clássica que nomeia os animais pode ser aplicado aos dois sexos, o que torna mais complexo ainda desenvolver uma certeza sobre o uso dos animais enquanto seu gênero. O surgimento desse ritual que, como já falamos, nasce de um rito à Júpiter, Marte e Quirino e geralmente em rituais destinados a deuses do sexo masculino são usados animais também do sexo masculino. No que se referem ao uso dos animais, as controvérsias não param por aí, pois as representações artísticas do ritual contribuem para isso, no que se refere ao uso de javalis nas formas apresentadas indo de encontro ao uso tradicional de porcos. Porém, em contrapartida, o uso da palavra também gera um contraponto pois as traduções geralmente em inglês sugerem ser um javali, mas também podem ser porcos machos. (CHURCHIN, 2004)

A origem desse ritual encontra-se parece vir das trocas culturais entre Roma e Grécia e até mesmo tendo ligação com a Índia, onde rituais parecidos em sua configuração sistêmica são realizados. Na Grécia um ritual chamado Trittys¹⁴ foi também um sacrifício de um touro, um bode e um javali ou carneiro:

Na “trittys” grega era um sacrifício envolvendo três vítimas, nem sempre diferentes. Leia em Calímaco (rfa. 403) que as vítimas eram um touro, um boi e um porco, enquanto que de acordo com Epicarmo são duas ovelhas e um boi. (VILATELA, 1988, p. 21)¹⁵

Já na Índia, o ritual chamado Sautramani, tinha também três animais sacrificados em homenagem ao deus Indra¹⁶ porém os costumes indianos eram mais flexíveis em relação aos animais, podendo ser cavalos, bois, ovelhas e cabras:

Como vimos em nossos estudos, os extensos registros de rituais da Índia antiga, muitas vezes brilhar uma luz que ilumina o testemunho mais perto do rito romano. Se olharmos para a Índia para a iluminação neste caso, descobrimos que ao lado do Sautramani, preservando a configuração do Suovetaurilia discutido acima. circumambulation

¹⁴ Trittys são subdivisões territoriais da polis na antiga Attica, sendo essas divisões composta por três formas: uma na costeira, uma na cidade e uma no interior da polis.

¹⁵ Texto Original: “ La “trittys” griega implicaba um sacrifício de três vítimas, no siempre diferente. Leemo em Calímaco (frg. 403) que lãs víctimas eran toro, buey e puerco, mientras que según Epicarmo (em Eustathio 1676, 37) son dos ovejas e buey.” (VILATELA, 1988, p. 21).

¹⁶ “O mito central de Indra, que aliás é o mais importante mito do Rig Veda, narra o seu combate vitorioso contra Vrta, o dragão gigantesco que retinha as águas no “oco da montanha”. Fortificado pelo soma, Indra abate a serpente com seu vajra (raio), a arma forjada por Tvastr, parte-lhe a cabeça e libera as águas, que se espalham em direção ao mar.”(ELIADE, 1983, p.31).

ritual também é atestada lá.”¹⁷ (WOODARD, 2013, p. 25). (tradução nossa)

Diferente de Roma que tradicionalmente realizava o sacrifício dos mesmos animais no ritual da Suovetaurilia. O ritual é citado em uma importante oração dessa Roma tardia:

PLEGARIA A MARTE

(Tirada do Agricultura – CXLI 2 Cato)

Oh pai Marte,
te peço e imploro,
que seja propicio
comigo e com minha casa e minha família:
para isto,
estou mandando esta Suovetaurilia
em volta do meu campo, terra e fundações;
para que você tire doenças que se veja ou não,
esterilidade fique longe,

¹⁸

destruição, danos e tempestades [...]

[...] A minha família e nossa casa,

Fazendas e minhas terras

Purificadas.

Então como eu disse,

o sucesso neste Suovetaurilia e no sacrifício:

Pai Marte, será o sucesso destes

que o fizeram. (tradução nossa)

¹⁷Texto Original: As we have seen from our study of terminus, the extensive ritual records of ancient India often shine an illuminating light on the more nearer testimony of Roman rite. If we look to India for enlightenment in this case, we find that alongside the sautramani, preserving the vedic homologue of the Suovetaurilia discussed above. Ritual circumambulation is also attested there. (WOODARD, 2013, p. 25).

¹⁸ Mars pater, teprecorquaesoque, utisiesuolenspropitiusmihi domo familia aequenostreae: quoius rei ergo, agrumterramfundumquemeumsuouitaurliacircumagiussi; utitumorbosuisosinuisosque, uiduertatemuastitudinemque, calamitatesintemperiasqueprohibessisdefendasauerruncesque; utiquetufruges, frumenta, uinetairgultaquegrandire dueneque4 eueniresiris; pastorespecuaquesaluseruassisduisque duonam5 salutemualetudinemquemihidomo familia e que nostrae. haruncererum ergo, fundi terrae agriquemilustrandilustriquefaciendi ergo, sic utidixi, mactehiscesuouitaurlibuslactentibusimmolandisesto: Mars pater, eiusdem rei ergo, mactehiscesuouitaurlibuslactentibusesto.

Dessa prece, ou hino, destinado a Marte podemos retirar alguns elementos que traduzem a importância do ritual para os homens do campo e como estes honravam suas terras, e o ritual em sua homenagem, para ter um ano fértil.

O objetivo da Suovetaurilia, geralmente, se traduz em purificação, em renovação, comemoração e festas que envolvessem novos momentos, reconstrução. E era realizada em cerimônias das mais diversas magnitudes, tais como: festas agrícolas, passagens de ano, para corrigir erros cometidos e também em casos em que algo deu errado o que não tenha acontecido da forma esperada. Ainda nesse sentido o ritual também era feito quando os templos tinham problemas, por exemplo, quando eram destruídos por guerras, além disso, o próprio exército romano realizava o rito quando estava se preparando para uma guerra ou operação militar.

A Suovetaurilia, está impressa na Coluna de Trajano, um monumento que comemora a Conquista da Dácia, território que hoje em dia compete a Romênia. O monumento aqui comentado tem o nome de Base de Decennalia e é formado por um pedestal que está apoiado em quatro colunas de granito e foi erguido para comemorar o décimo aniversário da Tetrarquia, que era o sistema de quatro imperadores estabelecido por Diocleciano.

A base foi esculpida em relevos que formam, além do desenho da vitória, também um ritual da Suovetaurilia, onde um javali, uma ovelha e um touro são conduzidos na ordem tradicionalmente proposta por Roma, sendo orientados por um *victimarius*¹⁹, responsável pela realização prática do sacrifício.

A Suovetaurilia era mais comumente realizada no Ambarvalia, que era um festival agrícola que ocorria todo o mês de maio. E nesse contexto, o ritual buscava exterminar qualquer tipo de mal presságio ou mau agouro que pudesse vir a surgir nas novas plantações, e então a prática sacrificial era realizada em cada fazenda que fosse dar início a uma nova plantação. O esquema de realização desse ritual nesse cenário foi descrito na obra de Cato²⁰, Tibullus²¹ e Virgílio²² e tinha como etapas o envolvimento do agricultor e toda sua família, que deviam se lavar e usar vestes brancas e oliveiras. Contam ainda que nesse dia nenhum trabalho poderia ser feito e ninguém que participaria do rito poderia ter tido relações sexuais

¹⁹*Victimarius*: Pessoas responsáveis por matar e cozer as vísceras das vítimas, ou seja, animais usados nos ritos de sacrifício.

²⁰ Cato, foi escritor, historiador e político na República Romana, posteriormente sendo eleito cônsul. Também ficou conhecido como Catão, o Velho, Catão, o Censor, Catão Sapiante e Catão Prisco.

²¹ Tibullus foi um poeta e grande escritor romano.

²² Vergil ou Virgílio foi um poeta romano, que contou a história da fundação de Roma e é considerado um dos maiores poetas pelo romano.

na noite que antecederia o ritual porque senão estariam impuros para a realização. Os participantes seguiam o roteiro e caminhavam três vezes em torno do seu campo, levando os animais que participariam do evento, assim eles acreditavam que estavam fazendo uma espécie de cercadura de proteção, que os isolaria de todo mal que viesse a prejudicar seus campos de plantio. Os animais, então, eram sacrificados ao som de hinos aos deuses para que as colheitas fossem protegidas, além dos gados e dos próprios agricultores.

O sacrifício de animais é algo comum e geralmente acompanhava os rituais e preces dentro de Roma. A família, no caso dos rituais feitos em fazendas, conduzia o ritual e matava os animais em prol do benefício de suas fazendas. Os animais mortos tinham suas entranhas examinadas, especialmente o fígado que era examinado para determinar possíveis presságios, pois a perfeição dos rituais dependia do estado em que esses órgãos se encontravam e se isto não acontecesse os praticantes do ritual teriam que buscar outras vítimas, para uma nova tentativa. As entranhas e ossos eram queimadas em altar e destinadas aos deuses em honra dos quais os rituais foram promovidos. A carne comestível era preparada no fogo do sacrifício e servida aos participantes do ritual, que desfrutariam do banquete resultante dos restos da carne do javali, carneiro e do touro. O ritual que é de um contexto muito mais agrário e destinado às plantações, acredito passar por uma adaptação, mas seguindo o mesmo esquema de realização dentro da cidade, em grandes acontecimentos, tendo ainda sua feitura em contexto público e privado. Sendo que isso se comprova e demonstra que esse tipo de ritual era comum, principalmente através dos achados arqueológicos e através de representações de figurativas, inclusive. E ainda se encontram vestígios desses animais em locais que eram usados para os rituais.

4.1 Cultura material e religião

A arquitetura de Roma é intensa e extremamente rica no que se refere à variedade. As construções romanas dão um novo tom aos tipos de arquitetura que se vê no mundo antigo. Se observa que foram escassas as vezes que se encontrou na história um processo “revolucionário” mais transgressor que o feito por Roma na época a partir da expansão do seu território dentro desse mundo romano clássico (PEREIRA, 2010). E o povo desse território tem uma incrível criatividade e fizeram do seu corpo arquitetônico um dos seus maiores tesouros dando, inclusive, maior riqueza e poder a esse império. E o aspecto mais importante no que refere a estrutura desse corpo percebemos o quanto esse grupo de estruturas arquitetônicas vai muito além dos monumentos, é a construção de memória, ideologia, poder

e mecanismo pedagógico e ainda político. Entendemos que essas construções funcionam como uma ferramenta de transmissão de mensagens e na sua emissão, dando cabo a uma conexão entre os participantes da sociedade. Apesar desse entendimento, por muito tempo essas questões passaram despercebidas e a cultura material configurada em monumento, são deixadas de lado. Mas nesse momento o que nos interessa é exatamente pensar tais obras como meios de comunicação silenciosa, pedagógica e interlocutora de uma identidade, memória e tradição. (CHÂTELET, 1995).

Para Burke (1994) por exemplo, a história ganha muito em trabalhar com as imagens ainda mais quando não se limita a tornar estas apenas mais uma prova de que o que estão falando é verdade. As imagens são extremamente importantes no que se refere à reconstrução desse passado de forma mais intensa e em certo ponto, de forma mais próxima do que estamos estudando. E Roma é rica nos mais diversos tipos de imagens que representam passado e nos ajudam a entender diversos aspectos. Objetivamos entender estas práticas através de um corpus de imagens:

Ler imagens não é fácil quanto parece, pelo menos quanto à distância cultural entre o autor e o espectador é tão grande quanto a que nos separa. (BURKE, 1994, p. 30).

As esculturas romanas ficaram extremamente reconhecidas por serem espécies de retratos irrevogavelmente reais e imensamente práticos, no que se referem as funções que os mesmos cumpriam diante da sociedade. As construções romanas dão legitimidade para as mais diversas coisas, inclusive crenças e religiosidade. E a reprodução dessas construções são extremamente vistas ao longo desse território, dando um ar simbólico a cada construção ou obra de arte que detém uma imensa quantidade de significados. Portanto, é necessário que façamos uma transposição dos elementos visuais para ver além das imagens, ou seja, ter a capacidade de ver através de pequenos detalhes nas obras que nos mostram os mais diversos significados.

Ampliou-se o campo documento histórico; ela substitui a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais. (LE GOFF, 1993, p. 28).

Os romanos então tinham uma estreita relação com esses monumentos no que se refere emissão de mensagens para construir uma memória e para nós é interessante pensar, ainda, que essas tais mensagens funcionam ainda como uma espécie de manual na confecção dos rituais, Segundo Françoise Choay (2006), monumentos podendo ser ou não históricos, perpetuam memórias políticas, sociais e coletivas e principalmente tem consigo uma memória social:

O monumento é uma criação deliberada cuja destinação foi pensada a priori, de forma, imediata, enquanto o monumento histórico não é, desde o princípio, deseja e criado como tal; ele é construído a posteriori pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte, que os selecionam na massa dos edifícios existentes, dentre os quais os monumentos representam apenas uma pequena parte. Todo objeto histórico pode ser convertido em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial. (CHOAY, 2006, p. 26).

O monumento então é digno de ser colocado como uma construção extremamente funcional, além de salvaguardar acontecimentos, ritos e grandes feitos de uma sociedade e Roma é famosa por isso. Suas obras tão funcionais, que geralmente acumulam mecanismos no que se refere ao que podem fazer por sua sociedade. Para uma sociedade onde a alfabetização não era atingível para todos, mas, em contrapartida, os rituais eram feitos por todos os níveis da sociedade, é importante o contado direto com as representações do rito e como eram feitos em larga escala ao redor da cidade, pois isso serviria de forma muito pedagógica na forma de reproduzir a maneira correta de se proceder na realização dos cultos, o que os romanos prezam por excelência nesse processo. A religião que se entende por social, combinada o coletivo da sociedade romana os romanos individualmente, demonstra a importância do calendário imposto nos primórdios de Roma com a implementação de todas as datas e festivais religiosos da cidade. Roma era, inclusive, um “modelo” para todas as outras cidades conquistadas, ou seja, era uma espécie de símbolo e estas cidades projetavam e reproduziam comportamentos, monumentos, os cultos, que a partir dos próprios monumentos que encontramos em variados lugares são feitos de formas semelhantes e mostram como a questão da realização do rito de forma correta é um dos, se não o ponto mais importante na realização do rito.

Na imagem abaixo (Figura 1) é representado o ritual da Suovetaurilia que foi o escolhido para ilustrar esse aspecto ritualístico religioso romano. Na Figura1 podemos observar a organização dos animais que perceberemos adiante como é reproduzida em todos os outros monumentos tais como a ortopraxis comanda. Vemos como existe uma organização

sempre reproduzida que é a participação dos animais ali representados, que são o javali, o carneiro e o touro seguindo em procissão para serem sacrificados, existem imagens em que os animais são os mesmos, mas não estão na mesma ordem. E a excelência qual eles prezam se percebe na semelhança das imagens que encontramos com representações do ritual. Essa semelhança nos faz pensar que o processo ritual se dê de forma praticamente igual por todos os grupos que o praticava e nos faz perceber o quanto esses monumentos atuam de forma análoga a um manual, de forma muito pedagógica se tornando uma ferramenta, pois as imagens são universais e sendo universais transmitem diretamente a mensagem ao receptor que entenderá que o ritual é feito daquela forma e para ser repetido deve ser feito da forma que está no monumento.

Figura 2 – Pannel de Relevo em Mármore com representação do ritual de Suovetaurilia

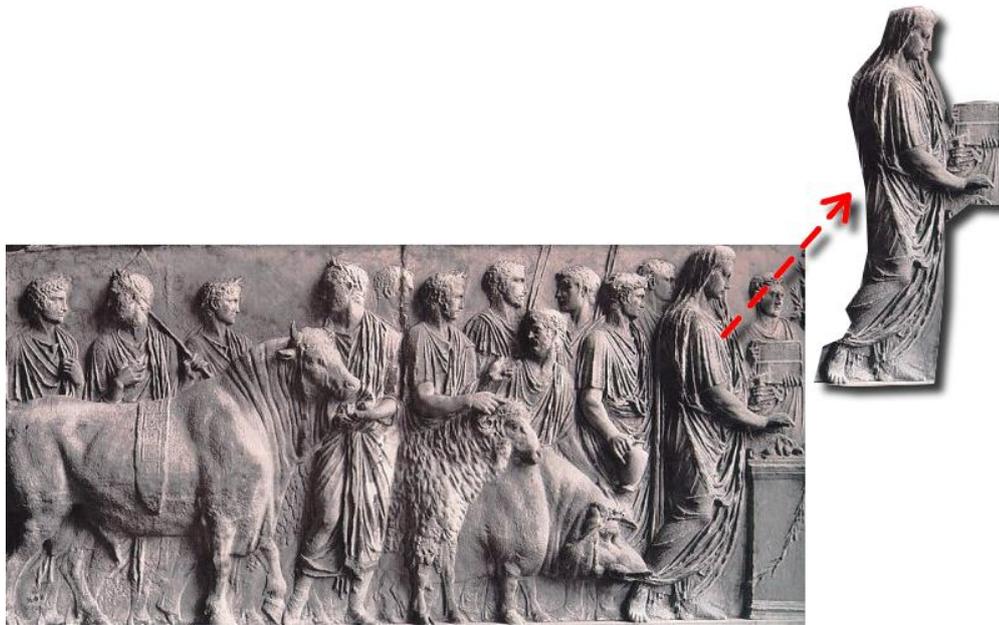


Fonte: http://www.gerty.ncl.ac.uk/photo_details.php?photo_id=1361

Vemos abaixo mais imagens que representam uma Suovetaurilia e em um novo contexto, porém com os mesmos animais que percebemos na imagem. Ao fim, analisaremos

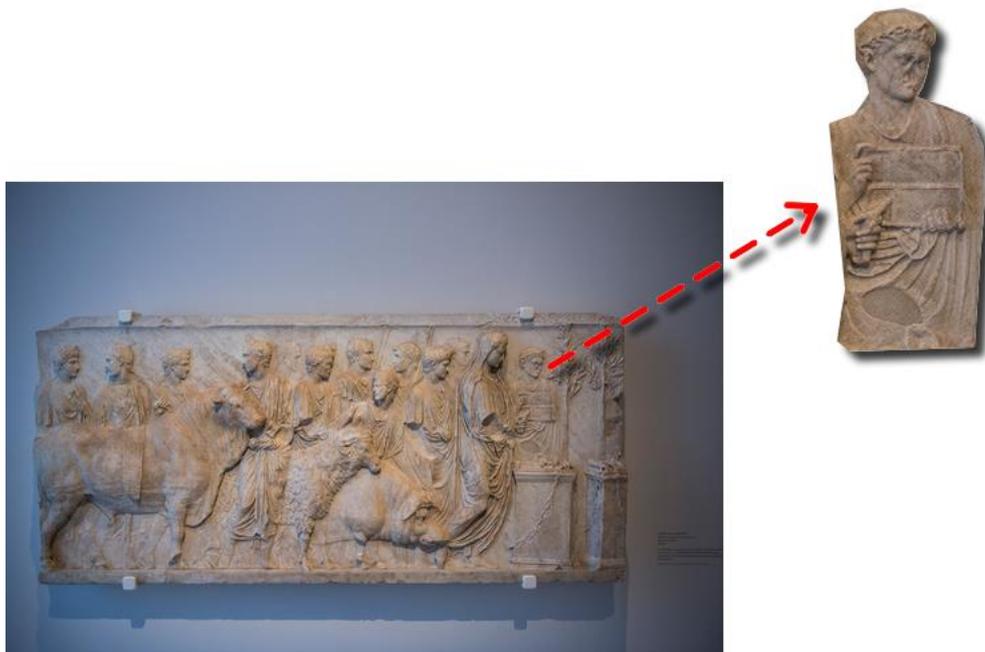
através de um quadro e dissecaremos os elementos que nos fazem entender melhor a ritualística romana no que se refere a esse ritual.

Figura 3- Relevô em Mármore com Representação da Suovetaurilia (Em destaque o que acreditamos ser a personalidade mais importante dentro do ritual representado, por ser o maior e suas vestes serem diferenciadas).



Fonte: http://www.novaroma.org/nr/Lustrum_MMDCCCLXIV

Figura 4 - Em destaque a imagem do que acreditamos ser o sacerdote responsável pela leitura da prece e dos órgãos dos animais sacrificados por suas vestes, o objeto em sua mão que lembra um livro e seu olhar direcionado ao público.



Fonte: <http://www.forumancientcoins.com/NumisWiki/view.asp>

As duas imagens disponibilizadas aqui são estrategicamente colocadas na mesma folha para notarmos as semelhanças entre elas, inclusive, ousamos afirmar que, à primeira vista, facilmente podemos confundir e acreditar que são iguais. Mas existem pequenos detalhes que a diferenciam, porém as duas demonstram a realização da Suovetaurilia com um corpo parecido de participantes e códigos imagéticos bastante parecidos no que se refere a participação do público e a construção do culto.

O primeiro destaque se mostra muito interessante para nossa análise, pois suas vestimentas e seu tamanho em relação aos outros participantes nos fazem crer que este é um governante ou alguém muito importante no que se refere à grupo em questão, demonstrando que os atuantes diretos do ritual precisam ser relevantes para o grupo social. No segundo destaque, vemos uma figura que parece ser um sacerdote, que pela construção do ritual segura os livros com as preces que serão lidas na realização do ritual.

Abaixo mostramos a Coluna de Trajano²³ que é um dos principais monumentos históricos de Roma, pela sua riqueza de detalhes e por literalmente contar uma história em todo seu corpo estrutural; a história da Conquista da Dácia²⁴ por Trajano em dois conflitos que revolucionaram a economia de Roma²⁵. Observamos ao longo da coluna o quanto a religiosidade está presente inclusive nas guerras que Roma travou. Na imagem em recortes percebemos algumas facetas da Coluna e, posteriormente, alguns recortes que nos interessam explicar.

Sabemos que as construções de Roma se diferenciam das demais no período antigo, por serem funcionais. E essa funcionalidade é a mais variada, pois por exemplo, na Grécia a riqueza da arquitetura se limita ao aspecto exterior das obras, já em Roma essa funcionalidade em sentido prático se estende a uma espécie de educação por leitura das imagens que elas continham. Os monumentos eram suportes iconográficos que produziam um efeito pedagógico. Por exemplo, uma comunidade que não tem uma grande quantidade de

²³ Representa para Roma as vitórias e os sucessos de Trajano na Guerra Dácica. Esta coluna possui 38 metros de altura, 185 degraus nos quais os relevos representam os atos de Trajano e de seus legionários e 3,5 metros de diâmetro. Alguns estudiosos também afirmam que a coluna possui 42 metros de altura, foi construída com 18 blocos de mármore de 1,5 metros de altura cada um e 3,5 metros de diâmetro. Foi construída com granito egípcio e mármore carrara branco e de coloração púrpura. Acima da coluna foi colocada uma estátua de bronze de Trajano na qual, o Imperador está caracterizado com as vestimentas de comemorações pelos grandes feitos militares. (COUTO, 2016, p. 6).

²⁴ A Conquista da Dácia se deu através da conquista desta em guerras entre 101 e 106. A sua capital que era Sarmizegetusa foi tomada e destruída. A Dácia então se torna uma colônia de Roma e são tiradas grandes quantidades de ouro e prata de suas posses para esta.

²⁵ Dácia tinha a agricultura, a apicultura, a criação de gado, vinicultura e o trabalho em metal como principais atividades econômicas. Os nativos da Dácia tinham grandes criações de gado e de ovinos, sendo conhecidos pela apicultura, sendo seus cavalos muito procurados, principalmente para uso militar. Os romanos a propósito, com a Conquista da Dácia detinham todo o controle também sobre minas de ouro e prata da região.

habitantes alfabetizados, ao entrar em contato repetidas vezes com a mesma configuração de ritual espalhados pela cidade em que passa todos os dias irá, se habituar e perceber que aquela maneira que está representada é a maneira correta e a que deve ser seguida. Além de construir a ideia de necessidade de realização dos rituais.

Figura 5 - Coluna de Trajano



Figura 6 – Representação da Suovetaurilia na Coluna de Trajano



Fonte: <http://flickrhivemind.net/Tags/victimarius/Interesting>

Abaixo percebemos que representações religiosas na coluna vão além do ritual de Suovetaurilia. Vemos também, em outro recorte da coluna, a representação é do deus Netuno – figura 6 - junto aos soldados que foram por água conquistar a Dácia e, arriscamos dizer que é a divindade pela semelhança que este tem com as representações em outros monumentos encontrados na cidade de Roma do deus marinho. Portanto, a divindade estaria em posição de apoio e até mesmo proteção necessários no que se refere a vitória nesse conflito, pois entendemos que a coluna é feita após o fim da batalha, com a vitória de Roma. Com isso é notório que Roma tenta afirmar que os deuses sempre a acompanham em suas empreitadas sejam em terra ou no mar, já que nesse caso o que se configura em bênçãos vem de uma divindade marinha, que parece estar salvaguardando o exército.

Figura 7- Coluna de Trajano com Representação do Deus Netuno



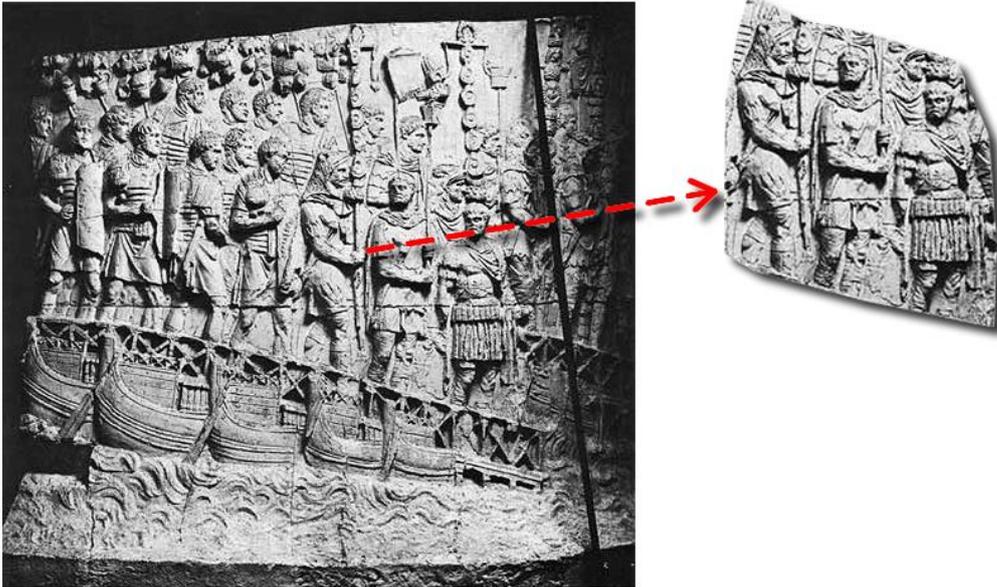
Fonte: <http://kids.britannica.com/elementary/art-123479>

Figura 8 - Representação do deus Netuno



Fonte: <http://pessoas.hsw.uol.com.br/mitologia2.htm>

Figura 9 - Exército romano invadindo a Dácia pelas margens do Danúbio que estão em uma das entradas da cidade.



Fonte: <http://slideplayer.com/slide/7962055/>

A seguir, observamos outra participação divina no conflito liderado por Trajano, demonstrando o quanto os romanos quiseram passar a ideia de assistência divina ao longo da Guerra. Na figura, podemos observar a deusa romana Victória ao lado do exército, a uma versão que sugere que Vitória estivesse escrevendo o sucesso do conflito na arma de proteção em guerra. Porém acreditamos que ela esteja ornamentando o que parece ser um escudo e este não seria o primeiro, pois existe vários encostados no mesmo quadro. essa divindade era muito importante na sociedade romana, tendo vários cultos erguidos em sua homenagem, sendo cultuada por muitos e por muitos anos. Sendo motivo de revolta quando sua estátua foi retirada. A deusa Vitória poderia ser vista ainda em joias e moedas ao longo do território, sendo ela ligada às atividades militares e sempre em contexto vitorioso dos conflitos a quem está ligada. Podemos dizer, então, que ela era a personificação do triunfo conquistado na guerra. Nas estatuas, é geralmente mostrada com asas e nas mãos levantando uma coroa de louros. Vitória é ainda uma espécie de testemunha das nossas lutas de todos os dias, na nossa busca por superar as dificuldades que são impostas para conquistarmos nossos objetivos ao longo da vida, portanto a presença da deusa Vitória é extremamente significativa na Coluna de Trajano pois esta corrobora a vitória de Roma sobre Dácia, vitória essa que colocou Roma em uma patamar econômico extremamente rico e de sucesso, pois essa conquista trouxe as riquezas que a Dácia acumulava para o território romano.

Portanto, a partir das observações desse conjunto de imagens, podemos perceber o quanto através de monumentos podemos perceber não só a existência desse aspecto religioso na sociedade romana, mas também a importância que esse sentido religioso detinha no cotidiano dos residentes daquele território. A presença do divino é algo constante no que se refere ao dia-a-dia destes, pois os monumentos aqui observados estão espalhados pela cidade de modo que estavam presentes diariamente na vida dos transeuntes que a partir daquela observação incorporavam a observância dos deuses e a forma correta da feitura dos rituais que resultaria na harmonia entre homens e divindades gerando sucesso nas batalhas e paz na vida dos romanos.

Figura 10 - Representação da deusa Vitória na Coluna de Trajano



Figura 11 - Representação da deusa Vitória com uma coroa de louros em sua mão direita.



Fonte: <http://variousgods.com/nike.html>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que, com esse trabalho, além de dialogar com uma historiografia que busca deconstruir conceitos pré-concebidos ao longo da história. Pensamos, ainda, as mudanças na historiografia para a possibilidade desses avanços nesse campo de estudo e as inovações de pensamento que já aparecem em trabalhos de historiadores latinistas com trabalhos produzidos a partir desse evento de remodelagem. Concluo também que este trabalho permitiu que o conhecimento sobre os pormenores de Roma fossem maior e menos sacralizados, ou melhor, dissecados para um entendimento mais profundo dessa religião enquanto ponto de ligação cultural, político e social e não um elo distante e frio, desligado de sentido real.

Compreendemos ainda a questão de como essa historiografia, mesmo com essas reviravoltas iniciou as desconstruções e como se deu o pensamento dessa religião romana a partir das convenções que a mesma tinha realmente e como tudo coexistia nessa cidade que além de militar era sem sombra de dúvidas de cunho extremamente religioso, todavia deve-se pensar essa religião com as peculiaridades que a mesma apresenta mesmo em comparação as outras práticas religiosas do mundo antigo. Para tentarmos ilustrar o pensamento teórico sobre essas chamadas práticas usamos um ritual que nos chamou muita atenção por ser enquadrar na perspectiva do social, do particular e outros contextos que contribuem para entendermos a socialização dessa religião e como ela estava intrínseca de forma cotidiana na vida do povo romano e não-romanos conquistados que acabavam por aderir as práticas do povo de Roma. Analisamos o ritual e sua participação e sobretudo importância no que se refere a vida dos participantes dessa sociedade. Com a ajuda das imagens e dos quadros conseguimos entender ainda mais a lógica construída por Roma para transmissão do conhecimento religioso e de suas práticas, que ao nos depararmos com a semelhança das obras julgamos ser de função extremamente pedagógica, pois guardadas as devidas proporções são imagens que ensinam como é feito o ritual e tudo que os romanos queriam passar através da representação em mármore e outros monumentos que ficavam espalhados pelo espaço físico da cidade.

Julgamos pensar que ainda existe uma vasta gama de documentação e muito para ser estudado no que se refere a essa temática, pois apesar destes fatores, poucos pousaram o olhar com a atenção deslocada do seu próprio contexto. Muitos pensaram na religião de Roma a partir de um contexto religioso moderno, sem o despreendimento necessário para entender um sistema religioso tão cheio de peculiaridades e formas de condução, muito próprias do

contexto romano. Nesse sentido, é importante dizer que é nosso desejo que esse trabalho siga para um estudo mais amplo, como por exemplo, em uma tese de dissertação, onde aprofundaremos algumas discussões que aqui apenas tocamos, tais como a dualidade dos ritos no que se refere ao linha tenue entre o sagrado e o profano, que constitui as prática do mesmo; a questão da canalização da violência por meio do rito, que sugere que um ato violento em particular serviria para focar a vontade por violência de todo um grupo, e muitas outras questões que surgem ao longo da pesquisa.

Portanto, o trabalho aqui apresentado se mostra uma porta de entrada para um começo de uma caminhada de estudos no intuito de entender cada vez mais as dinâmicas religiosas romanas que parecem ter sido esquecidas ao longo dos tempos pela história mas que tomam um novo fôlego com o interesse de historiadores por repensar e ressignificar algo que ainda tem muita a nos mostrar e nos ensinar. Começando por repensar os livros didáticos que fomentam desde o início do estudos sobre a antiguidade uma imagem estereotipada de Roma e suas características, sendo que essa imagem aprendida, será reproduzida ao longo dos anos por muitas pessoas. Pessoas estas que nem sempre tem o interesse de recorrer até textos acadêmicos sobre Roma para entender melhor essa sociedade. Portanto, devemos começar a implementar esse novo pensamento desde os primeiros contatos com o tema para que conceitos anacrônicos e preconceituosos não sejam difundidos no começo da vida escolar do aluno, sendo perpetuados no decorrer da vida. Enfim, isso nos mostra o quanto ainda temos a prosseguir nessa caminhada que é difícil mas bastante possível de remodelar conceitos e pensamentos cristalizados há muito.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc (org.). **A construção do mundo (religião, representações, ideologias)**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- ALFOLDY, G. **A História Social de Roma**. Lisboa: Presença, 1989.
- BEARD, M. NORTH, J. PRICE, S. **Religions of Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. vol. 1.
- BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BURKE, Peter. **A Fabricação do Rei – a construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro, 1994.
- BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Práticas culturais no Império Romano: entre a unidade a diversidade. In: Gilvan Ventura da Silva e Norma Muso Mendes (Orgs.). **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Maud editora- EDUFES, 2006.
- CARDOSO, C.F. **Sete Olhares sobre a Antigüidade**. Brasília: Editora UnB, 1994.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano, 1. As Artes de Fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- CHÂTELET, Francois. **Hegel**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=vVA3BnESSdQC&pg=PA119&lpg=PA119&dq=hegel+monumentos+romanos&source=bl&ots=nkrlpizno&sig=oi1q5RvAKdmMJw-S6yP5LYMGXz4&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjRvPLh4vHNAhWCEZAKHflgCWcQ6AEIIDAB#v=onepage&q=hegel%20monumentos%20romanos&f=false>. Acesso em: : 24 de janeiro de 2016.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3.ed.São Paulo: Estação Liberdade, Unesp, 2006.
- CIRIBELLI, Marilda Corrêa. História e Religião em Roma Antiga. In: LIMA, Lana Lage da Gama et al. (organizadores). **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- COULANGES, Numa – Denys Fustel. A cidade antiga. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: E-booksBrasil, 2006. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Fustel%20de%20Coulanges-1.pdf>. Acesso em: 24 de janeiro de 2016.
- COUTO, Americo Henrique Marquez de. A Construção de imagens imperiais Romanas: Imaginário e Representação dos Governos de Trajano e Adriano (Século II d.C). Disponível em: [http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/16/file/Anais I Seminario de Pesquisa da Pos-Graduacao em Historia UFG-PUC Goias/pdfs/04_AmericoCouto_AConstrucaoDelmagens.pdf](http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/16/file/Anais%20I%20Seminar%20de%20Pesquisa%20da%20Pos-Graduacao%20em%20Historia%20UFG-PUC%20Goias/pdfs/04_AmericoCouto_AConstrucaoDelmagens.pdf). Acesso em 24 de janeiro de 2016.

CUMONT, F. **Oriental religions in Roman paganism**. Toronto: General Publishing Company, 1956.

CUMPLIDO, Andrés Rodríguez . Traducción al español. Plegaria a marte, texto latino conforme a la división en versos y estrofas del profesor angelo mercado 2004. **Escritos**, v. 16, n. 36, p. 283 – 298, enero – junio, 2008. Disponível em: <https://revistas.upb.edu.co/index.php/escritos/article/viewFile/68/59>. Acesso em 24 de janeiro de 2016.

DUMÉZIL, Georges. **Les dieux souverains des Indo-Européens**. Paris: Gallimard. 1997.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução. Pereira Neto; revisão José Joaquim. – São Paulo; Ed. Paulinas, 1996.

EHRENREICH, B. **Ritos de Sangue**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

EVOLA, Julius. Imperialismo Pagão. [s.n.t]. Disponível em: <http://greenmantavern.blogspot.com.br/2012/09/imperialismo-pagao-1928-julius-evola.html>. Acesso em: Acesso em 10 de abril de 2016.

FORNAZIERI, Aldo. **Maquiavel e o bom governo**. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Política) – USP, São Paulo, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma: vida pública e vida privada**. Cultura, pensamento e mitologia, amor e sexualidade. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

GRIMAL, P. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

GUERRA, L. A Influência Pagã na Teoria e na Prática. In: **História Viva**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006. p. 22-23.

JAEGER, Mary. **Livy's Written Rome**. University of Michigan Press, 1997.

KUNG, Hans. **Religiões no mundo: em busca dos pontos comuns**. São Paulo: Verus Editora, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo. Editora da Unicamp, 1993.

LE MOS, Márcia. **Os embates entre cristãos e pagãos no Império Romano do século IV: discurso e recepção**. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/4313>. Acesso em 24 de janeiro de 2016.

MARROU, Henri-Irenée. **¿Decadencia romana o Antigüedad Tardia? Siglos IIIIV**. Madrid: Rialp, 1980.

MOURA, Fabrício Nascimento de. **A Sacralidade nos Tratados entre Roma e Cartago 509 – 279 A.C.** Disponível em: http://www.nea.uerj.br/publica/e-books/vida_morte_e_magia_no_mundo_antigo.pdf . Acesso em 10 de janeiro de 2016.

MENDES, Norma Musco; BORGES, A. **Os calendários romanos como expressão de etnicidade.** História: Questões e Debates. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 48-49.

ROSA, Claudia Beltrão da. Arte, Religião e Poder na Roma Antiga: Inovações e Conservadorismo na República Tardia. In: CANDIDO, Maria Regina (org.). **Roma e as sociedades da Antiguidade** – Política, Cultura e Economia. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008. p. 15 – 20.

_____. Epylvmlouis: o espetáculo da ordem sagrada na Roma Republicana. **Mneme – Revista de Humanidades**, Rio Grande do Norte: Departamento de História da UFRGN, v. 12, n. 30, p.137 – 156, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>. Acesso em 27 jan. 2016.

_____. Interpretatio, Solo e as Interações Religiosas no Império Romano. In: CERQUEIRA, Fábio. et.al..(Orgs.). **Saberes e Poderes no Mundo Antigo Estudos ibero-latino-americanos.**Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. V. I – Dos saberes. p. 185 – 205.

_____. Ritual e narrativa. A supplicatio in the Myth of Fortuna Muliebris. **Varia Historia.** Belo Horizonte, v. 31, n 55, p. 193-220, 2014.

_____. A religião na Urbs. In: Gilvan Ventura da Silva, Norma Musco Mendes. **Repensando o Império Romano;** perspectivas socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad Editora - EDUFES, 2006.

SCARPI, Paolo. **Politeísmos:** as religiões no mundo antigo. São Paulo: Hedra, 2004.

SCHEID, John. **Na introduction to Roman Religion.** Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 2003.

SCHEID, John; DURAND, Jean-Louis. ‘Rites’ et ‘religion’. Remarques sur certains préjugés des historiens de la religio des Grecs et des Romains. **Archives de Sciences Sociales des Religions**, Année 1994, v. 85, p. 23-43. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/assr_0335-5985_1994_num_85_1_1424. Acesso em 10 de abril de 2016.

TAMBIAH, Stanley. **Culture, Thought, and Social Action.** An Anthropological Perspective. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

TITO LIVIO. **História de Roma – Livro I:** a monarquia. Tradução de Mônica Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

VERNANT, J-P. **Mito e Religião na Grécia Antiga.** Campinas: Papyrus, 1992.

VEYNE, P. **O Império Romano**. In: ARIÉS, P. ; DUBY, G. (orgs). **História da Vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 19-223. v.1: do Império Romano ao ano mil.

VILATELA, Luciano Pérez. Sacrificio seguntino a Diana Maxima. 1988. Disponível em: http://www.centroarqueologicosaguntino.es/uploads/descargas/307_19_Sacrificio_saguntino_a_Diana_Maxima_23.pdf. Acesso em: Acesso em 10 de abril de 2016.

WOODARD, Roger D. **Myth, ritual, and the warrior in Roman and Indo-European antiquity**. Nova Iork: Cambridge University, 2013. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=EtV7BwAAQBAJ&pg=PA46&lpg=PA46&dq=woodard+suovetaurilia&source=bl&ots=u-Pq7FhNHl&sig=ozeKmu2v_X3KxELZlqBHIuxlXOo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjA8Ibp3PHNAhXliZAKHVL5AS0Q6AEIJDAB#v=onepage&q=woodard%20suovetaurilia&f=false. Acesso em: 12 de abril 2016.

ANEXO A - Mármore, Esculturas e Monumentos



MONUMENTO	ALTAR PARA REALIZAÇÃO DO RITUAL.
CONTEXTO	ANIMAIS DO RITUAL DE SUOVETAURILIA SEGUEM EM PROCISSÃO PARA A REALIZAÇÃO DO CULTO EM QUESTÃO.
ADEREÇOS/ GESTOS/ OLHARES	REPRESENTAÇÃO DOS ANIMAIS QUE PRECISAVAM ESTAR PRESENTES NO RITUAL PARA INDICAR A REALIZAÇÃO DA SUOVETAURILIA, SENDO ELES: O JAVALI, O CARNEIRO E O TOURO EM UMA ORDEM ESTABELECIDADA NOS CADERNOS PONTIFICIAIS.



MONUMENTO	MÁRMORE COM REPRESENTAÇÃO DO RITUAL SUOVETAURILIA.
CONTEXTO	REALIZAÇÃO DO RITO QUE APARENTE SER OFICIAL, POIS CONTA COM A PRESENÇA DE UM HOMEM QUE ACREDITAMOS SER UMA IMPORTANTE FIGURA DENTRO DAQUELA SOCIEDADE POR SEU TAMANHO DIFERENCIADO E SUAS VESTES.
ADEREÇOS/ GESTOS/ OLHARES	O MODO COMO OS PARTICIPANTES DO RITUAL NÃO OLHAM PARA O PÚBLICO DEMONSTRA O DESINTERESSE POR ESSA PLATÉIA POR PARTE DESTES, BEM COMO A FIGURA DE IMPORTÂNCIA MAIOR. PORÉM A FORMA QUE JULGAMOS SER DE UM SACERDOTE COM OS OLHOS VOLTADOS PARA O PÚBLICO CONVIDA ESSA PLATÉIA A PARTICIPAR DO RITUAL.



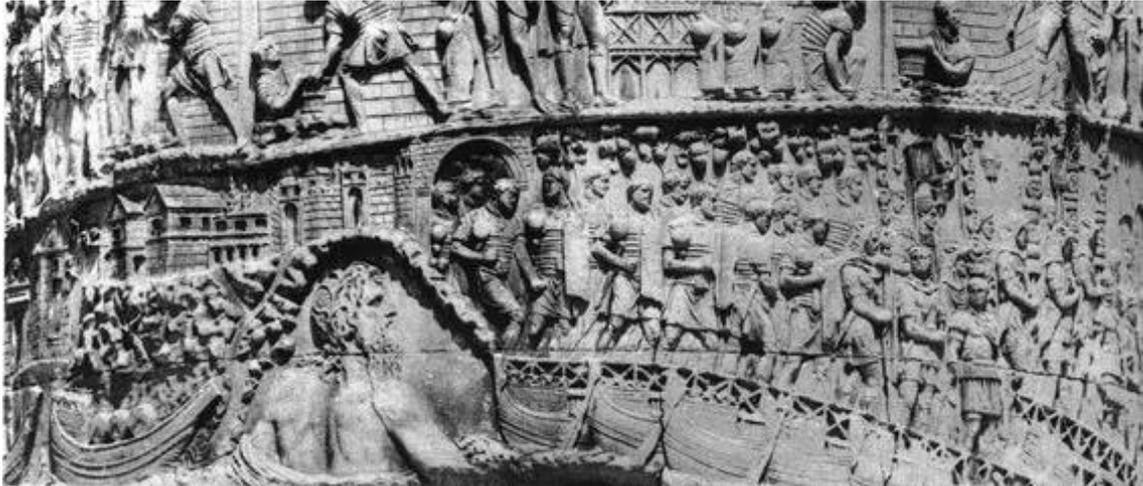
MONUMENTO	RELEVO EM MÁRMORE PEROLADO COM REPRESENTAÇÃO DO RITO DA SUOVETAURILIA.
CONTEXTO	A REPRESENTAÇÃO ACIMA CONTA COM SEMELHANTE CORPO RITUALISTICO À IMAGEM ANTERIOR, CUJA SEMELHANÇA NOS INSPIRA A COMPREENDER ESTA COMO MECANISMO DE FUNÇÃO PEDAGÓGICA E CORRESPONDER A ORTOPRÁXIS ROMANA NO QUE SE ENTENDE POR PERFEITA REALIZAÇÃO DO RITO.
ADEREÇOS/ GESTOS/ OLHARES	SENDO SEMELHANTE A IMAGEM ACIMA, OS OLHARES ESTÃO VOLTADOS DA MESMA FORMA, INDICADO AS MESMAS PARTICIPAÇÕES.



MONUMENTO	UM TRECHO DA COLUNA DE TRAJANO COM REPRESENTAÇÃO DA SUOVETAURILIA COM UMA ORDEM UM POUCO MENOS FORMAL. ACREDITAMOS QUE A FALTA DA FORMALIDADE POSSA SER PELO CONTEXTO DE GUERRA EM QUE FOI FEITA.
CONTEXTO	SUOVETAURILIA FEITA ANTES DA SAÍDA PARA A GUERRA POIS ESTÁ TAMBÉM ERA REALIZADA NESSE CONTEXTO DE ANTES DA SAÍDA PARA CONFLITOS. A FALTA DE FORMALIDADE PODE SER LIDA AINDA PELO CENÁRIO DE GUERRA ESTABELECIDO, SENDO ESTE PREPARADO DA FORMA MAIS SIMPLES ANTES DO CONFLITO SER INICIADO.
ADEREÇOS/ GESTOS/ OLHARES	AQUI OS OLHARES VOLTADOS PARA DENTRO, SEM INTERAÇÃO COM A PLATÉIA, SUGEREM QUE NÃO EXISTE UM PÚBLICO EM QUESTÃO.



MONUMENTO	TRECHO DA COLUNA DE TRAJANO COM REPRESENTAÇÃO DA DEUSA VITÓRIA
CONTEXTO	DEUSA VITÓRIA COM AS ASAS ABERTAS ORNAMENTANDO ESCUDOS DOS SOLDADOS DA GUERRA NA DÁCIA QUE RESULTOU EM SUA CONQUISTA.
ADEREÇOS/ GESTOS/ OLHARES	A DEUSA ESTÁ COM O OLHOS VOLTADOS PARA O ESCUDO QUE ESTÁ ORNAMENTANDO, BEM COMO PODEMOS VER AINDA UM GRANDE NÚMERO DE ESCUDOS QUE JÁ ESTÃO ORNAMENTADOS. A IMAGEM CONTA AINDA COM UMA ARMADURA E OUTROS APETRECHOS DE GUERRA.



MONUMENTO	TRECHO DA COLUNA DE TRAJANO COM REPRESENTAÇÃO DO DEUS NETUNO
CONTEXTO	O DEUS NETUNO JUNTO A LEGIÃO QUE MARCHOU PARA A GUERRA PELA PORTA DA CIDADE QUE FICAVA ÀS MARGENS DO RIO DANÚBIO.
ADEREÇOS/ GESTOS/ OLHARES	O DEUS NETUNO COM O OLHAR VOLTADO PARA O EXÉRCITO SUGERE QUE O MESMO ACOMPANHA E OLHA PELOS SOLDADOS EM TODA A EMPREITADA POR MAR PARA INVASÃO DA CIDADE.



MONUMENTO	RELEVO EM MÁRMORE COM REPRESENTAÇÃO DO RITUAL DE SUOVETAURILIA
CONTEXO	NESSA IMAGEM VEMOS A ORDEM DOS ANIMAIS DIFERENTE E UM GRUPO DE REALIZAÇÃO UM POUCO MENOS FORMAL QUE AS OUTRAS IMAGENS, ESSA FALTA DE FORMALIDADE PODE EXPLICAR A ORDEM DIFERENCIADA.
ADEREÇOS/ GESTOS/ OLHARES	HÁ UM MISTO DE OLHARES DESVIADOS DA PLATÉIA E OUTROS OLHANDO, NESSE SENTIDO CONVIDADO PLATÉIA A PARTICIPAR.